Caderno MEL - 21

A PRESENÇA DE DEUS: UMA PRÁTICA LASSALISTA

Irmão Jacques Goussin, FSC

Introdução

Foi no início de outubro. Eu tinha passado todo o dia em *Providence*, na costa leste dos Estados Unidos. Acompanhado do Irmão Charles Kitson, eu acabara de visitar os centros educacionais e escolares totalmente voltados à reconstrução pessoal e social de jovens.

O dia já estava declinando, quando o Irmão Charles me convidou a passar duas horas com ele e um grupo de uma dúzia de mães de família, num dos centros escolares da vizinhança.

Todas as semanas, essas mulheres dedicam duas horas do escasso tempo que lhes sobra pessoalmente, para se reunirem, longe das tensões familiares e das cruciantes preocupações do trabalho, da administração, da educação em que estão empenhadas. São pessoas que passaram por problemas de muitos matizes, e agora possuem uma considerável experiência da vida. Durante duas horas, na presença do Irmão *Charles*, que só intervém raramente - elas escutam umas às outras, se animam mutuamente, discutem, choram, brincam, riem... depois rezam em voz alta, partilham suas preocupações, seus sofrimentos, suas angústias, pedem graças e agradecem a Deus... A vida vai jorrando aos borbotões!

Chegada a hora de nós as deixarmos, elas me perguntaram: "O quê tem você para nos dizer?"- Em vez de responder, eu lhes perguntei: "Por que vocês se reúnem todas as semanas na presença do Irmão *Charles?"*- Como se isso fosse óbvio, elas logo me responderam: "O Irmão *Charles* nos ensinou a presença de Deus. Sabemos agora o que é a presença de Deus; e, onde quer que estejamos, seja o que for que fazemos, sabemos que Ele está conosco, e aprendemos a falar com Ele em qualquer situação da vida. Isto é ser lassalista. E nós somos lassalistas!"

Uma experiência maravilhosa, que exprime uma das mais vigorosas características, da comum herança que nosso santo Fundador nos deixou.

Ao longo de muitas viagens em todos os continentes, onde o Instituto está presente, fiquei sinceramente impressionado pela persistência dessa prática que nos faz lembrar da presença de Deus, no início das aulas ou de qualquer atividade, tanto com os adultos como com as crianças e os jovens.

Anos atrás, alguns poderiam ter julgado que essa prática tivesse desaparecido no sorvedouro das numerosas mudanças que se operaram em nossas sociedades. Pelo contrário, verifiquei que o costume se revigorou um pouco em toda parte, exceto na Europa, todavia, fortemente condicionada por uma secularização que, sem distinção, desconfia dos dogmas, das religiões reveladas, e da necessidade de espiritualidade que existe no fundo do coração de toda pessoa humana.

Onde quer que eu a veja vivenciada, esta prática se apresenta como uma invocação breve, simples, espontânea, expressa de maneiras variadas, adaptadas. É uma sugestão feita às pessoas que elas também se incluam, de acordo com seu grau de adesão espiritual. Ela representa um momento para respirar durante a atividade em curso, e educa tanto os adultos como os jovens por pequenos toques insensíveis: cada um entra, conforme seu ritmo, no profundo do seu interior, lá onde está seu coração. Será ele tocado? Pode ser que sim, pode ser que não... mas não importa; não há pressa. Os frutos aparecerão na hora certa, amanhã, daqui a 10, 20, 30 anos... É o segredo dos corações de que o professor nada precisa saber.

O Irmão *Jacques Goussin,* especialista no conhecimento do século XVII francês, conhece muito bem os textos de nosso santo Fundador. Aceitou com entusiasmo o pedido que lhe fiz, de nos mostrar tudo o que São João Batista de La Salle quis significar através dessa prática da lembrança da presença de Deus, e quanto esta prática representa uma senda autêntica de espiritualidade, simples, acessível a todos, comum para os jovens e seus educadores.

A contribuição do Irmão *Jacques Goussin* por si só seria suficiente. Ele, porém, quis que fosse precedida de alguns testemunhos da atualidade, vivenciados por educadores lassalistas. Solicitados, a Província Lassalista da Califórnia, e o Irmão *Luke Salm,* responderam com muita satisfação à solicitação. Vocês hão de ler esses sete testemunhos que, cada um a seu modo, dizem como essa prática costumeira é vivenciada hoje na atividade educativa. E vocês hão de compreender que ela é efetivamente um alimento acessível a todos, proposto por nossa família espiritual, para nutrir a fé, para que esta transborde em zelo.

Irmão *Jacques Goussin,* muito obrigado!

Lassalistas da Califórnia e de Nova Iorque, muito obrigado!

Irmão Nicolas Capelle, fsc

TESTEMUNHOS LASSALISTAS DOS ESTADOS UNIDOS

A Presença de Deus e ... o Lance Inicial da Escada

Irmão George Van Grieken

O Irmão George Van Grieken, das Escolas Cristãs, é o diretor da Comunidade da High School *de Sacramento, na Califórnia. É diplomado do* Lasallian Leadership Institute, *um dos apresentadores anuais do* Buttimer Institute of Lasallian Studies *e membro do* District Mission Council.

Durante o último ano e meio, eu me mantive em pé, no lance inicial da escada de entrada da escola, todas as manhãs, para saudar os alunos, à medida que eles entravam. Um gesto que se iniciou julgado oportuno para um primeiro dia de aula, se foi prolongando durante uma semana, depois um mês, e finalmente se transformou num ritual diário, já faz um ano e meio. Algo para minha surpresa, as pessoas começaram a manifestar o quanto apreciavam o fato de eu estar ali, chovesse ou fizesse sol, houvesse nevoeiro ou céu limpo, fizesse calor de fritar ou frio de gelar... Em breve me tornei um "acessório fixo" na rotina diária dos alunos ao chegarem à escola. Eles ficavam na expectativa de que eu estivesse ali, e agora eu fico na expectativa de também estar lá, malgrado outras obrigações e responsabilidades que estivessem esperando por atendimento nesses dias.

Quando me detenho para pensar sobre isto, a situação me recorda nossa oração lassalista: "Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus". Não somente eu me estou lembrando e tomando consciência da presença de Deus naqueles confiados à nossa solicitude cada dia, e todos os dias, mas de maneira menos sensível, que eu seja uma lembrança para outros de como Deus está presente em suas vidas cada dia e todos os dias, esteja chovendo ou faça sol, haja nevoeiro ou faça um lindo dia, faça calor de rachar ou frio de gelar, e eles têm a possibilidade para reconhecer essa presença ou não, estarem atentos a ela ou não, e inclusive, talvez, mesmo se darem conta de que Deus ali está.

A invocação "Lembremo-nos..." com que iniciamos cada oração e muitas atividades diárias na faina lassalista, tem uma grande força evocativa para nós, porque é algo que se desenvolveu a ponto de se tornar familiar ao ouvido e um apelo para a prática. Por um lado é algo que ouvimos tantas vezes, que terminamos não lhe prestando atenção, e, talvez, sequer o ouçamos. Assim como o "bom-dia" facilmente passa despercebido e incidental, rotineiro, e inócuo, como algo que não exige uma atenção real. Por outro lado, se tomado a sério, esse "Lembremo-nos..." pode vir a ser muito desafiante, incitando para uma tomada de consciência autêntica e ativa da presença de Deus dentro de um contexto particular.

Idealmente, quando usamos essa invocação, deveríamos tomar-nos alguns segundos para praticar o que estamos dizendo, isto é, lembrar-nos calmamente que estamos na presença de Deus (Lembrança para a qual La Salle, na Explicação do Método de Oração Mental, forneceu seis maneiras de efetivá-la). Algo lembrado é transformado para se tornar um convite para entrar em relacionamento. Acontece o mesmo com a habitual pergunta "Como vai você?" – Quando se fazia essa pergunta a *Kathryn Hepburn*, com freqüência ela respondia: " Muito bem, ou bem, contanto que não me peça entrar em detalhes". Sua resposta aliás inteligente e fina, revela o fato de que

níveis diversos de encontros são possíveis quando certas palavras ou sentenças são trocadas entre indivíduos. Podemos optar entre tomar a sério essas palavras ou sentenças ou simplesmente deixar passar. E, o que o mais das vezes acontece, não importando as palavras, nós simplesmente vamos adiante, não ligamos.

Uma das razões que fizeram com que mantivesse meu crescente compromisso de cada manhã saudar os alunos, foi o fato de que um gesto rotineiro rapidamente veio a ser um apelo para o relacionamento. Simplesmente não se pode dizer centenas de vezes "bom-dia", sem que alguma coisa aconteça depois. Aquilo que, no início, não era mais que um simples gesto, e sem conseqüências, progressivamente se foi tornando um desafio pessoal. Os dois ou três segundos de contato cotidiano com cada um dos alunos chegando na escola, ao cabo de semanas ou de meses, acabou estabelecendo um verdadeiro relacionamento, por limitado que fosse, e uma real identificação das pessoas. Com efeito, cada pessoa tem um tipo de se chegar, de responder, uma atitude específica no acolhimento. Isto, a tal ponto que eu acabei estabelecendo uma estratégia de longo prazo a respeito de alguns alunos, cujo único interesse aparente era fazer crescer em mim um espírito de tolerância; uma estratégia a longo prazo fundada sobre essas breves observações cotidianas a respeito de sua personalidade.

Após algumas semanas, ou alguns meses, sua atitude de reserva ou de timidez, ou simplesmente sua falta de atenção, evoluíram ao ponto de se aproximarem e permanecerem alguns instantes para uma breve conversa. Após isto, eles foram abrindo o jogo, e descobriram que essa conversa na realidade não era, e não é coisa tão difícil assim. Os elementos-chaves para chegar a isto consistiram simplesmente em descobrir o momento propício para saudá-los quando passavam, e em servir-me do tom justo de voz na acolhida, saber o nome, sorrir, e assim por diante. Mas, o elemento mais importante foi e sempre será o olhar. Uma vez estabelecido o contato, devia acontecer uma espécie de reação: uma falta de reação ou de resposta de sua parte, colocou definitivamente a responsabilidade no seu campo. Então, as palavras e os gestos se tornaram um convite verdadeiro, pessoal, que não pude recusar; tive que aceitar.

A comparação com as formas pelas quais Deus está presente em nossas vidas se impõe, com evidência. Deus também se mantém no primeiro lance da escada de nossa existência: Ele nos acolhe, quer chova quer faça sol, quer esteja nublado ou seja um dia claro.

Deus nos acolhe todos os dias nas pessoas com quem nos encontramos. *C. S. Lewis* escreveu que Deus "nos sussurra aos ouvidos em nossas alegrias, fala em nossa consciência, e solta a voz em nossas penas e aflições". E a preocupação afetiva de Deus é tão grande que não tem limites. Mesmo após semanas, meses, nossa atitude defensiva, nossa timidez ou nossa simples desatenção a Ele, no momento favorável, sentem-se crescentemente interpeladas: podemos fazer uma pausa para um breve mas proveitoso colóquio com Ele. Depois disso, ficamos entusiasmados e descobrimos que responder não era, não é, tão difícil assim. Uma vez que Deus estabeleceu essa "troca de olhares, esse contato visual", a responsabilidade se torna toda nossa. As palavras e os gestos de Deus se convertem agora num verdadeiro convite para nós: de repente, já não podemos recusar nem protelar; é pessoal.

O interessante, com certeza, é descobrir onde e quando esse decisivo "troca de olhares, esse contato visual" com Deus ocorre em nossas vidas. Será em meio a um ato litúrgico, num relacionamento com outras pessoas, na contemplação de algo belo, em meio a uma movimentação, mediante algum fato banal, num enlevo místico? Ou seria mais ao prestar atenção a qualquer coisa, ou a alguma pessoa que esteja à nossa frente, em qualquer momento? Eu me atreveria a dizer que essa "troca de olhares, esse contato visual" com Deus, essa "presença de Deus" que não podem ser

ignoradas, estão ali somente para mover o coração de cada pessoa – uma noção familiar no mundo lassalista.

Meus breves contatos diários com os alunos todas as manhãs são para mim um pequeno universo de ensino. São também um encontro diário, imprevisível e intenso, com a presença de Deus. O amplo prisma das personalidades, reações, situações, e as breves conversações... transmitem uma vida que reluz com a riqueza da graça de Deus, mesmo quando, algumas vezes, esteja apenas refletindo uma autêntica fome dessa mesma graça. Para mim, essa experiência foi uma bênção – na realidade, temo que me tenha tornado dependente dela – e, ao mesmo tempo continuo sentindo-me forçado e desafiado de maneira inesperada e imprevista. Mas isto, sem dúvida, ainda faz parte desses encontros com Deus tomados a sério. Não há mais necessidade de proferir o nosso "Lembremo-nos que...".

> "Surpreende que a maioria dos cristãos considerem o decoro e a urbanidade tão somente como qualidades puramente humanas e mundanas, e, não pensando em erguer seu espírito mais para o alto, não as considerem como virtudes com referência a Deus, ao próximo e a nós mesmos...Os professores devem ter o cuidado de motivar os alunos para a aquisição dessas qualidades pelo motivo da presença de Deus.... Eles procurarão conseguir que se empenhem a testemunhar benevolência, honra e respeito como membros de Jesus Cristo e templos vivos e animados pelo Espírito Santo". Em outras palavras, os meninos devem vivenciar essas qualidades devido ao respeito a Deus, em cuja presença estão" *(Prefácio da "Regras do Decoro e da Civilidade Cristã").*

> *"* Procurais ter tanta bondade e afeto com os meninos que instruís, como São Barnabé, tinha aos infiéis em cuja conversão e salvação estava empenhado? ...Quanto mais ternura tiverdes para com os membros de Jesus Cristo e da Igreja, confiados á vossa solicitude, tanto mais admiráveis frutos de graça Deus produzirá neles" *(Med. 134, 2).*

A SANTA PRESENÇA DE DEUS

Senhora Deb Fagan

A Senhora Deb Fagan é Conselheira de Admissão e Professora de Matemática na Totino-Grace High School*, em* Fridley, Minnesota. *Em outubro e novembro de 2004, ela participou do CIL. É diplomada pelo* Lasallian Leadership Institute.

Lembro-me da primeira vez que reconheci a Presença de Deus. Foi no verão, antes de ingressar no sétimo ano de estudos. Eu estava acampada no *Waves of Fun Church Camp.* Uma noite, na capela, tive uma experiência de Deus de uma forma como nunca antes vivenciara. Minha educação foi a cristã, desde minha infância. Aprendi o "Jesus te ama"; mas nessa noite, a coisa aconteceu diferente. Foi como se, pela primeira vez, tomasse consciência clara do que é o amor que Deus me tem. Desde esse momento, a fé se tornou "minha própria fé, uma fé pessoal", por assim dizer, uma espécie de confirmação de minha fé. Foi a partir dali que não mais freqüentava a igreja, rezava, comungava... porque devia fazer estas coisas, mas antes por uma opção pessoal. Aceitei plenamente as promessas que meus pais tinham feito por mim no meu batismo. Assumi resolutamente minha responsabilidade nos meus relacionamentos com Deus.

No mínimo, essa experiência juvenil foi mobilizadora e cheia de vitalidade. Na realidade, foi aquilo a que nos referimos como "uma experiência do alto da montanha". Descobri que essas "experiências do alto das montanhas" são os tempos de retiro e de reflexão, durante os quais se exploram a oração e a vida espiritual. Quando estiver no "alto", poderei lançar um olhar para baixo, e verificar de onde eu vim, e qual é a extensão da caminhada que já fiz. Passando por momentos de facilidade e por horas difíceis, através de fracassos e de êxitos, eu agradeço a Deus por ter chegado até onde estou. No alto, tenho também a oportunidade de dimensionar o que está à minha frente. Há uma porção de coisas que ainda não conheço; e, mesmo que essa imensidade me deslumbre e desvaneça, ela também me entusiasma. Contudo, eu me dou conta que, virtualmente nada cresce no alto da montanha. É lá embaixo, nas planícies, que as pradarias se ufanam adornadas de fragrantes flores, os cervos se dessedentam nos riachos borbulhantes, e a grama vai crescendo viridente. Não me é possível fixar morada no alto da montanha; mas sempre me é possível refazer plenamente as energias, pensando nessas experiências.

A Presença de Deus é evidente no alto da montanha. Mas, o que acontece na vida de todos os dias? Pode Deus estar presente e vivido na experiência, na vida que eu vivo no meu dia-a-dia? Hoje, 20 anos após essa primeira experiência da Presença de Deus, eu sei que a resposta é: Sim! Deus não está somente presente quando procuramos viver essa experiência de sua Presença e perto dele; Deus está sempre presente.

Como educadora lassalista, cada dia inicio minhas aulas com estas palavras: "Vamos concentrar-nos por uns instantes, e lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus". É nesse momento de pacificação interior, ao longo do emprego do tempo, carregado e por vezes supercarregado, que tenho a possibilidade de melhor lembrar da presença de Deus. Eu vejo Deus através da satisfação e das dificuldades que meus alunos partilham durante as orações na sala de aula. Eu vejo Deus nos sorrisos de meus alunos pequenos e no choro do meu neném. Deus está presente na leve chuva, na mudança das estações, nas ondas revoltas do mar. Deus espera que eu; Ele espera que você; Ele espera que nós... nos lembremos dEle. Assim, na nossa concentração interior, lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus.

Lembremo-nos que estamos na Santa Presença de Deus

Irmão Larry Schatz

O Irmão Larry Schatz, FSC, é o Presidente da San Miguel Middle School of Minneapolis, *em* Minneapolis, Minnesota. *Ele é também interventor no* Lasallian Social Justice Institute. *Serve também à sua Província no* Mission and Ministry Council.

Quantas vezes tenho ouvido e proferido estas palavras nos meus 25 anos de Irmão Lassalista?! Mas, nunca me cansei em proferi-las nem ouvi-las proferidas, porque elas têm o poder real de fazer lembrar a nós lassalistas, o que muitas vezes devemos fazer durante todo o dia. O que mais amo nestas palavras é que elas são sempre verdade: Elas só podem ser a verdade.

À medida que fui passando meus dias na *San Miguel Middle School*, a Presença de Deus foi assumindo uma dimensão sempre maior. A Presença de Deus é evidente em elevado grau – e, por vezes, se torna um grande desafio - nos rostos de nossos alunos. Eles transbordam energia e potencialidades. Eles são a razão pela qual estou fazendo o que faço, e o êxito deles na vida é o que fundamenta esse novo ministério lassalista. Eles me mantêm com os pés no chão. Eles são manifestações dinâmicas da Presença de Deus.

A equipe docente também é uma lembrança da santa presença de Deus. As pessoas nomeadas para esta instituição, são-no por uma única razão: servir os jovens confiados a nossos cuidados. Seu comprometimento, seu rude trabalho, sua paciência, sua simples presença amorosa, tudo isto faz da *San Miguel* uma escola à parte. Cada um, à sua maneira, seu itinerário, manifesta a Presença de Deus. Todos são testemunhas da bondade de Deus.

Eu olho pelas janelas de nossa grande sala de aula, e vejo o mundo "lá fora". A Natureza – seja qual for a estação do ano – é para mim uma constante lembrança da presença de Deus. Realmente, por vezes a imagem brilhante da lua no céu de inverno, o sol ardente que derrama seus raios na sala de aula, e as grandes árvores que ladeiam o prédio escolar, tudo isto me convida a fazer uma pausa para contemplar com admiração. Maravilho-me diante das maravilhas de Deus que parecem gritar sua presença em quase todos as esquinas das ruas...

Hoje celebramos a festa de *San Miguel*. No decorrer da missa houve muitas recordações da presença de Deus. Na própria Eucaristia, com certeza, mas também nas vozes dos estudantes: leitores, cantores, músicos... E também nos rostos e na presença de nossos colaboradores que vieram celebrar conosco, e sem os quais nós não estaríamos aqui. E também na presença de nossos Irmãos em retiro, que desafiaram o frio do inverno para se juntarem a nós e honrar *San Miguel*. O próprio edifício da igreja, esta velha igreja que lança aos ares seus arcos góticos com seus maravilhosos vitrais, e tudo isto emana um sentido de respeitosa veneração que lembra à mente a afável Presença de Deus.

Dois de nossos colaboradores voluntários receberam um prêmio em testemunho de suas numerosas horas de serviço voluntário. E estes dois homens trouxeram consigo as esposas e os filhos. Nos rostos dessas crianças, era Deus que sorria, e nos lembrava sua grande e benevolente bondade que essas crianças representam e nos repetem, que nos sintamos satisfeitos com as pequenas e as poucas coisas.

Quando a jornada diária chega ao final, pais, responsáveis, parentes e conhecidos vêm buscar seus filhos ou seus protegidos; os cuidados abnegados e afetuosos por essas crianças, sem nenhuma dúvida, são um outro sinal da Presença de Deus.

O que há de maravilhoso nestas palavras "Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus", é que elas são um apelo simples para que abramos os olhos sobre aquilo que já nos rodeia de todo: a santa presença de Deus. Deus não vem a nós; antes somos nós que vamos a Ele dando-nos conta de sua Presença. É Ele quem nos dá a possibilidade de nos maravilharmos com as inumeráveis manifestações de sua Presença, ao longo de uma simples jornada escolar.

A PRESENÇA DE DEUS

Irmão Ed Siderewicz

O Irmão Ed Siderewicz é o Presidente e Co-fundador das San Miguel Schools, *em* Chicago, Illinois. *Atualmente está participando do* Lasallian Leadership Institute.

Em momentos de inspiração ou quando me sinto bem, eu sinto a presença de Deus. Algumas vezes, também, eu percebo sua presença via sua ausência: uma sensação de estar abandonado, um sentimento de estar só. É como uma obra prima musical cuja genialidade por vezes reside nos silêncios bem localizados, e no belo arranjo das notas. Quando as notas e os silêncios são dispostos lado a lado, isto tem o condão de nos arrebatar para fora de nós mesmos num momento de transcendência.

Recentemente, diversas circunstâncias me oportunizaram vivenciar esses silêncios, essas pausas e essa reflexão. Foram histórias relativas a nossos estudantes na *San Miguel,* que me tocaram profundamente o coração, me lançaram um desafio, me inspiraram, me fizeram agradecido; histórias de vidas que transparecem a presença de Deus – algumas vezes mediante um sinal de ressurreição, outras vezes através da presença do mal -. Foram histórias de crianças e jovens vindos dos bairros mais pobres, daqueles que possuem a taxa de abandono e de marginalização mais elevada no Estado, e das mais elevadas de todos os Estados Unidos.

A primeira história: *Jameshia*, uma de nossas esperançosas estudantes, tendo passado no 5º grau, não lhe faltando audácia, entrou em meu gabinete, num dia desses da semana passada. Ela me viu trabalhando tranqüilamente, mas veio direto encima de mim, me abraçou entusiasmadamente, e me perguntou como eu me sentia. Respondi-lhe: "Muito bem, e você, como vai, *Jameshia*? Quer você noticiar a todo o mundo e chutar as estrelas?" – Sem me largar, ela abriu um belo sorriso e respondeu: "Eu vou chutar bem mais que as estrelas!". – Um belo gesto da parte de uma jovem que entrara na *San Miguel*, num nível vários anos abaixo do grau que concluía.

Uma outra história: Eu estava conversando com *Renée Clark,* uma de nossas professoras. No meio da conversa, ela me disse: "Irmão *Ed*, eu tenho algo para lhe dizer. Ontem, *Carey Gates*, uma aluna da 6ª classe, veio a mim e me disse, que mais tarde ela quereria estudar na Universidade do Estado de *Michigan.* Como *Renée* prosseguisse em dar-me detalhes, subitamente seus olhos se marejaram de lágrimas. "Veja, *Carey Gates* ingressou no 5º grau da *San Miguel* no ano passado, e rendendo entre os 1º e o 2º grau. Ela tem as precisões de uma aluna de educação especial. O inspirador nisto é que *Carey* está dando tudo o que tem, e por algum motivo chegou a acreditar que

poderia terminar estudando numa das principais universidades do país. – Fiquei inspirado, não apenas por *Carey,* mas também por *Renée*, por sua vez inspirada por *Carey.*

Outro incidente ocorreu na semana passada a três quadras do nosso campus *Back of the Yards.* No meio da tarde, quando ainda estávamos na sala de aula, vimos três helicópteros voando e largando mensagens, que recolhemos rapidamente. Houvera um tiroteio a três quadras da escola. – Esta é uma história que começa a soar como um filme puído. Você já poderia predizer o roteiro. Ninguém ainda tinha detalhes, nem sequer o noticiário das 15 horas deu informes como se fosse a história principal do que aconteceu. O que se dizia nas ruas foi que uma van tinha passado várias vezes por cima de um integrante de uma das gangues, batendo contra uma boca de incêndio (hidrante) que se rompeu, na calçada, fazendo escorrer tanta água que inundou a rua 47, uma artéria mestra da canalização da água. E causou grande alvoroço. Muitos carros começaram a colidir uns contra os outros.

Enquanto tudo isto acontecia, uma de nossas professoras estava sendo atendida pelo dentista, na rua 47, bem no local onde se dava a tragédia. Ao voltar, ela nos relatou alguns dos sangrentos detalhes da guerra de gangues, inclusive a morte de dois ou três jovens que foram mortos no tiroteio. - Qual a coisa mais chocante em todo esse episódio? Na manhã seguinte, nos jornais, nenhuma referência ao incidente...Na cidade, nem sequer a vizinhança, ficou a par do que acontecera; ... ninguém comentava o caso... ninguém parecia interessado em qualquer detalhe. Parecia que todo o drama fora enterrado e enjeitado pela consciência. O diabo embotou nossos sentidos. – Mas, malgrado toda essa cultura de morte, diariamente tenho sob os olhos exemplos de alunos e professores autênticos sinais de ressurreição.

A história seguinte me fez chorar. Na véspera do Dia de Ação de Graças, um de nossos professores pediu aos alunos que fizessem uma breve redação com o lide "*Eu sou agradecido por...*". Um dos alunos, de nome *Shaquille*, de 1,20m, 10 anos de idade, respondeu com limpidez e sabedoria:

> *"E sou agradecido a Deus. Deus é aquele a quem devo ser agradecido. Se Deus não existisse realmente, e apenas nós existíssemos, eu não teria ninguém para cuidar de mim. Mamãe morreu, e meu pai... eu não sei onde ele está. Por isso, um primo está cuidando de mim. É por isto que sou agradecido a Deus".*

O lado emocional, que me levou a chorar com isto tudo, é que quando *Shaq* chega à escola de manhã, com muita freqüência, em vez de simplesmente dar a mão a seus professores, os abraça . E o seu abraço é carinhoso e pura afeição! – E eu me pergunto, como uma criança de 10 anos, já paciente de tão significativas feridas na vida, pôde incorporá-las desse jeito em si e naquilo que espera ser um dia? Como pode ser tão afetuosa, tão gentil, sem nenhum vestígio de hostilidade, e ser tão agradecida?

Outra história ainda é a de *José Lagunas*, um diplomado da *San Miguel*, e atualmente acadêmico na *Lewis University.* Recentemente, numa Conferência de Latinos, em *Lewis*, se levantou, e fez uma introdução sumamente inspiradora. Iniciou assim:

> *" Acabou-se o tempo de desculpas! O tempo de apontar o dedo contra tudo acabou, e das cinzas deve brotar uma nova maturidade! Dessas cinzas temos que assumir o controle de nosso destino e romper o ciclo de fatos em que nossa condição de latinos nos enfiou. Consideram-nos como condenados à marginalização, como devendo abandonar a educação e a instrução, juntar-nos*

às gangues, e morrermos antes dos 18 anos de idade, com direito a 15 minutos de fama nos obituários. Não! Não há mais desculpas!

Já ao entrar como latinos somos postos em desvantagem. Temos que engajar-nos numa luta pela sobrevivência com as mãos vergadas pelo peso, suficientemente pesadas para impedir sonhar com qualquer chance que seja.

Vocês sabem, há duas lutas em que estamos agora empenhados. Uma é a batalha contra o racismo. A luta contra o "você sabe falar inglês?". A segunda é ainda muito maior e mais importante. É contra nós mesmos. Precisamos ser capazes de dar um passo para trás, parar um momento, fixar criticamente os olhos em nós mesmos. Precisamos, antes de tudo mais, manter-nos calmos, dignos e ordeiros, e frear essa ralé de gangues que estão às nossas portas. Precisamos ser tomados a sério. Irão rir-se de nós até que nos demos conta do absurdo que é matar e morrer por causa da cor da pele. Não há desculpas.

Nisto estejamos unidos: precisamos iniciar com ter responsabilidade por nossas ações. Digo a vocês todos, que chegar à Universidade, está em suas mãos. À medida que as gerações forem passando, temos que progredir em todos os aspectos de nossas vidas. Temos que dirigir o olhar para as estrelas em vez de nos conformarmos com "atingir escassamente algum objetivo". Neste caso, as estrelas são: sermos doutores, advogados, qualquer uma dessas coisas".

Finalmente, na semana passada, estava eu conversando com o *Pe. Brigham*, pároco de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos, paróquia em que está localizado o campus *Gary Comer* de *San Miguel.* Nós estávamos caminhando pelo *hall* da escola, e ele estava olhando para as fotos de nossos alunos do 7º grau, que adornam o *hall.* Na metade do recinto, deteve-se um pouco, e começou a sorrir e a falar sobre quão longe esses jovens tinham chegado em apenas dois anos. Depois, o *Pe. Birgham* me disse algo muito profundo em sua simplicidade, mas revelador da verdade: *"Estes jovens são normais... são apenas jovens normais...mas* ***isto*** *é algo extraordinário para estes jovens".*

Luz sobre as trevas... a ressurreição rindo-se da morte... aos pobres será pregada a *Boa-Nova...* os últimos serão os primeiros. A presença de Deus e o Espírito do Deus Vivo continuam perfeitamente vivendo em nosso mundo, hoje, e atuando com poder através do belíssimo dom do nosso carisma lassalista.

A Grama Verde, Sinal de Fé

Senhorita Rory Tira

A Senhorita Rory Dorman Tira é uma professora de língua espanhola da Christian Brothers High School *de* Sacramento, Califórnia. *É diplomada pelo* Lasallian Leadership Institute *e presta serviços no* Advisory Board for the Lasallian Social Justice Institute.

Trabalho num grande Colégio Católico, numa vizinhança não muito boa. Não é tão extremamente pobre que vocês não tenham visto nada parecido. Vocês já terão visto. Mas, tampouco é o tipo de lugar onde vocês gostariam de passar muito tempo. Ou tenham necessidade de lá permanecer. É o tipo de vizinhança que a gente prefere contornar e evitar; não passar por lá, a menos que haja um motivo muito sério. É o tipo de lugar de onde alguns rapazes procuram sair, e a outros se ensina a ficar longe dele. Nos dias de calor parece opressivo; nos dias cinzentos parece

sombrio. No tempo restante, espera-se que apenas se consiga sobreviver; é o que muita gente que ali mora espera.

Os sinais são óbvios e à vista de todos: Grades nas janelas, terrenos baldios, de tanto em tanto casas obstruídas com pranchas, botecos de bebidas alcoólicas, residências superlotadas, e *outdoors* em espanhol de propaganda de cerveja... Vocês podem ver muitas famílias com crianças pequenas, uma comunidade de imigrantes de variadas raças, e muita gente fazendo o que lhes é possível, e chamando isto de sua casa. Uma quantidade de carrinhos de bebê e de jovens mães. Ocasionalmente helicópteros sobrevoando bem baixo e, coisa triste, muitas sirenes estridulando. Sempre, sirenes em demasia! Hoje, porém, houve uma espécie de silêncio fora do comum nesta redondeza. Aconteceu algo extraordinário, e não foi a primeira vez.

Mais de um milhar de pessoas, a maioria adolescentes e jovens, se reuniram num extenso relvado, de grama bem desbastada. (Isto, aliás, merece ser lembrado. É difícil encontrar um espaço com grama verde neste bairro todo asfaltado, ainda que se vejam roseiras em flor no meio do lixo, em frente de muitas casas). Toda essa multidão não estava organizada em filas. Não havia conjunto de cadeiras ou bancos para poder sentar, exceto as crianças sentadas em capachos de praia e mantas de piquenique. Um verdadeiro mosaico à espera de uma peleja esportiva entre amigos. Sentados de costas uns contra os outros. Algumas cabeças descansando sobre os joelhos ou nos colos de outros, se tivessem conseguido. Meninos e meninas, todos apinhados, mais à vontade e mais próximos do que a maioria dos adultos queriam estar. Uma enorme e emaranhada rede de adolescentes, acumulados pelo gramado, sossegados, em geral, sob o sol do meio da manhã. E, de repente, começaram a rezar.

Em silêncio... – Em uníssono... – Ao som de uma harmoniosa música...

E, quando fazem isto, quando fazemos isto – pois faço parte dessa multidão – me imagino que me encontro numa via lateral. Que, talvez, esteja morando na proximidade e esteja caminhando, digamos, vindo do mercado, ou para a parada de ônibus, ou que esteja a caminho da lavanderia automática. E, quando passo pelo estacionamento e atravesso as cancelas negras, ouço alguma coisa, e me volto. E ali, - vejo algo pelo qual menos esperava: um aglomerado de mais de um milhar de pessoas, em silenciosa e sossegada oração, no meio de uma manhã totalmente ordinária de quinta-feira. Apraz-me, então, perguntar: O quê haveria de pensar se visse isto? O quê estariam eles pensando? Será que alguém os escuta? Será que alguém os está vendo? Perceber-se-á Ele das graças que estão pedindo? Será que suas vozes chegam até a esquina da primeira rua?

Quero que cheguem!

Não estamos ao abrigo de um amplo teto nem entre as paredes de uma igreja ou de um grande pavilhão de encontros. Não há altas cercas ou muros de pedras ou tijolos para nos mantermos "dentro", ficando os vizinhos " de fora". Estamos bem fora sobre a verde grama, a não mais de 76 metros da rua, dos carrinhos de bebê, dos botecos de bebidas alcoólicas, das sirenes estridulantes. Às vezes, gosto de pensar que estamos rezando com os vizinhos; uma espécie de convite para orar "venha como você é e como está". Quero que os vizinhos escutem conosco a riqueza das palavras do sacerdote: "Eu vos dou a minha paz! – "A paz do Senhor esteja convosco". "Dai-nos a paz em nossos dias". – Quero que digam conosco: "É verdadeiramente digno e justo dar graças e louvar a Deus". Quero que esta colcha de retalhos, esparsa no relvado, composta de jovens em oração, se estenda longe por cima dos cercados e bairro afora.

Como professores desta escola nos é solicitado que vejamos o rosto de Deus nos nossos alunos. Este é o nosso dever, o esforço de nossa fé eficaz, quando chegamos cada manhã para o nosso trabalho. Com freqüência não penso nisto. (Embora saiba que deve ser assim, nem sempre reconheci isto). Por vezes, esta missão parece dura e abstrata. Algumas vezes, às 15 horas, quando a gente não quer mais nem ver nenhuma criança, adolescente ou jovem pela frente, pelo menos nas próximas dezessete horas, ver neles o rosto de Deus parece quase impossível.

Hoje, porém, pareceu fácil. Éramos todos o rosto de Deus, fazendo igreja sobre a verde relva. Juntos, éramos um gigante, impossível de ignorar, sinal de fé em meio de uma rua repugnante, esgotada, em *Sacramento*, na Califórnia.

Como poderia alguém não se ter dado conta?

SEMPRE EM TERRA SANTA

Senhor Greg Kopra

O Senhor Greg Kopra é Diretor Adjunto do Bureau de Educação do Distrito de San Francisco. *Ele é o responsável pela coordenação e o desenvolvimento do Programa Lassalista de Formação de Adultos. É também o coordenador local do* Lasallian Leadership Institute (West Coast). *Ainda, é professor e conferencista do* Buttimer Institute of Lasallian Studies. *Membro do Bureau regional para a Educação na Comissão de Formação para a Missão. Mora com sua esposa Maria e seu filho Tim, em* Napa, Califórnia.

Earth's crammed with heaven,
And every common bush afire with God:
But only those who see
take off their shoes..
Elizabeth Barrett Browning
Aurora Leigh (1857) – Book VII, Line 820

Toda a terra está abarrotada do Céu
e todas as sarças ardem com
a presença de Deus.
Mas, somente aqueles que vêem
tiram as sandálias...
Tradução livre

"Para onde ir, longe do teu sopro?
Para onde fugir, longe de tua presença?"
(São João Batista de La Salle – Explicação do Método de Oração Mental – 1739).

Dia 24 de agosto de 1983. O Diretor se pôs de pé, pediu silêncio, e nos convidou a iniciar a reunião com uma oração. Sentiu-se o silêncio entre os professores e o pessoal reunido na Biblioteca... Então, em voz clara entoou: "Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus". E logo deixou uns momentos para que pudéssemos atender ao convite de nos lembrarmos que Deus está presente. Fiquei profundamente emocionado com essas palavras, o convite, o silêncio orante. E comecei a refletir sobre suas palavras: *"Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus"*. Não disse: *"Ponhamo-nos* na presença de Deus". Tampouco disse: "*Peçamos a Deus que esteja presente*" entre nós, em tudo o que fizermos neste ano escolar, como se Deus se fizesse presente somente quando convidado. Não; não disse nada disso. Ele disse: ***"Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus".*** Nós estamos na santa presença de Deus. Agora, então, sempre. O desafio – o convite – é *lembrarmo-nos* dessa realidade. Nesse momento, me lembrei, e nunca me esqueci dessa experiência.

Para São João Batista de La Salle, lembrar a presença de Deus é absolutamente essencial para os professores, se desejarem cumprir bem os seus deveres educativos. Seus escritos estão

cheios de exortações para lembrar a presença de Deus. Na *Explicação do Método de Oração Mental* indicou que a lembrança da presença de Deus é o primeiro passo na preparação da oração. [1] Numa carta endereçada a um Irmão, em 25 de maio de 1705, La Salle lhe escreveu: "A presença de Deus será de grande utilidade para ajudar-lhe e realizar bem todas as suas ações". [2] Aos primeiros Irmãos ensinou que se ajoelhassem ao pé da sua mesinha ao entrar na sala de aula, se persignassem e se lembrassem da presença de Deus. A cada hora inteira e a cada meia hora, um aluno devia tocar uma sineta, e outro aluno, pondo-se em pé, no seu lugar, devia dizer: "Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus". [3] A mensagem está bem clara: estamos sempre pisando em terra santa.

Por que esse centrar-se na santa presença de Deus? Afinal de contas, que diferença faz? Pois, tem muito que ver com aquilo que estamos buscando. Em sua meditação para a solenidade da Epifania, La Salle insta aos lassalistas: "Reconheçam a Jesus Cristo sob os pobres farrapos dos meninos que tendes a missão de instruir" [4] Os "pobres farrapos" de nossos alunos poderiam significar uma apresentação desleixada, algum mau comportamento, alguma "atitude", apatia, cinismo... vocês entendem. Se formos em busca de problemas, encontraremos problemas. Se formos em busca de defeitos, encontraremos defeitos. Pelo oposto, se formos em busca de promessas, crendo que um aluno tem potencialidades para o êxito, encontraremos a chave para abrir a potencialidade desse estudante. Temos que evitar definir o estudante por sua conduta. Temos que acreditar que nele sempre existe algo mais... Tudo o que temos que fazer, é prosseguir buscando.

Lembrar e reconhecer a santa presença de Deus é um sinal característico da escola lassalista. Numa época em que tantos jovens lutam com a pobreza de sua auto-estima, um dos maiores serviços que podemos prestar a nossos alunos é descobrir seus lados bons, mesmo já antes que eles próprios os descubram, falar de suas boas qualidades, e amá-los de maneira tão afetiva que eles comecem a acreditar em suas próprias capacidades. Lembrar-se da santa presença de Deus nos recorda a bondade e a potencialidade ilimitada que existem em cada pessoa com que nos encontramos. Mantém-nos centralizados no que é bom. Todo encontro com um aluno é um encontro com Deus.

No decorrer dos vinte anos, a partir desse dia de reunião na Biblioteca, esqueci muito dos conteúdos de formação então ministrados, mas cheguei a compreender que meu sábio Diretor havia dado uma invulgar lição sobre como ensinar: Primeiramente, antes de programar qualquer lição, antes de corrigir qualquer teste, antes de traçar qualquer norma para o comportamento na sala de aula: *lembremos a santa presença de Deus.* Se deixarmos de fazer isto, falharemos com os alunos confiados aos nossos cuidados. Eles merecem nossa veneração, nosso respeito, nosso amor e nossa preocupação.

Elizabeth Barrett Browning disse-o melhor: *Toda a terra está abarrotada do Céu".* Amém.

UMA PRÁTICA TRADICIONAL

Irmão Luke Salm
Manhattan College – New York

Existe uma oração familiar a todos os Lassalistas, em qualquer lugar do mundo: Irmãos, associados, colaboradores, professores, alunos e antigos alunos... E esta oração é :*"Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus".* Esta oração – melhor dito, este convite – nos foi legada

---

[1] *Explicação do Método da Oração Mental* de São João Batista de La Salle, pág. 20 e seguintes.
[2] Cartas, Cahier 102, 7.
[3] *Praying with John Baptist de La Salle,* pág. 38, Carl Koch, 1990. Saint Mary's Press, Winona.
[4] Meditação 96, 3, 2.

pelo próprio São João Batista de La Salle, que prescreveu fosse rezada em certos momentos da jornada escolar. É significativo que, no tempo de Fundador, ela fosse usada no ambiente escolar como recordatório, normalmente proclamado por um aluno, para que professor e alunos se precatassem sobre a importância do que estavam fazendo na escola. Por isso, a fórmula não consta nos Exercícios de Piedade que o Fundador compôs para as orações de comunidade dos Irmãos. Uma razão a mais para que esta oração facilmente se torne de cunho lassaliano para os associados e os colaboradores dos Irmãos, bem como para os atuais e os antigos alunos. Portanto, pode trazer algum benefício, tanto para os colaboradores lassalistas como para os Irmãos, ir novamente às origens desta oração, apresentar algumas reflexões sobre a implicação teológica do que nos pede esse "lembremo-nos" e, finalmente, algumas sugestões práticas para que a oração atinja sua finalidade.

Esta oração é autenticamente lassaliana, porque reflete tão perfeitamente a espiritualidade peculiar de La Salle, a ponto de se poder dizer que ele estava perenemente consciente da presença de Deus. Assim como o próprio Jesus, ele se retirava amiúde à solidão para dedicar longas horas à oração na presença de Deus, totalmente sozinho, altas horas da noite, ou diante do Santíssimo Sacramento, ou durante seus freqüentes retiros espirituais. Numa lista de resoluções que tomou numa dessas ocasiões, determinou que, toda vez que viajasse pela primeira vez a algum dado lugar, empregaria quinze minutos, concentrado na presença de Deus nesse lugar. Quando o Cardeal Arcebispo de Paris o ameaçou de desterro, não objetou nada, dizendo apenas que podia encontrar a Deus em qualquer lugar. Viu a presença de Deus nos acontecimentos que o afligiam ou lhe diziam respeito, tanto para bem como para mal, com sua exclamação característica: "Deus seja bendito!". No leito de morte adorou a Deus presente como seu guia em todos os acontecimentos de sua vida.

Se a vida do Fundador estava saturada da consciência da presença de Deus, a vida de seus primeiros Irmãos também estava. A primitiva Regra dos Irmãos ressaltava a necessidade de prestar atenção à presença de Deus: "Estarão o mais possível atentos à santa presença de Deus, e cuidarão de renová-la de quando em quando, bem persuadidos que só devem pensar nEle e naquilo que Ele ordena, isto é, no que se refere a seu dever e emprego" *(Regras Comuns, de 1718, Capítulo 2º, artigo 7º).* E logo novamente: "Todos (os Irmãos) se ajoelharão para adorar a Deus presente, em todos os locais da casa, ao entrar e ao sair, exceto no pátio ou no jardim, como também no locutório..."*(Ibid. Capítulo 4º, artigo 13).* O Fundador considerou a presença de Deus como um dos sustentáculos do Instituto *(Ibid. Capítulo 16, art. 8º).*

O horário da comunidade foi elaborado para poder pôr em prática estes princípios. Além das orações vocais da manhã e da tarde, e de uma série de orações ao meio-dia, os Irmãos dedicavam à meditação meia hora antes da missa, de manhã, e antes da janta, de tarde. O Fundador instava os Irmãos a iniciar esses momentos de oração pondo-se na presença de Deus, e lhes propôs seis maneiras de pensar em Deus presente em todo lugar: 1. Porque Deus está em toda parte. – 2. Porque Deus está presente no meio daqueles que se reúnem em seu nome. - 3. Dentro de nós mesmos, porque somente subsistimos em Deus. – 4. Por sua graça e por seu Espírito. – 5. Na igreja, porque esta é a casa de Deus. – 6. Pela presença de Deus no Santíssimo Sacramento. Dependendo das possibilidades dos Irmãos, La Salle lhes sugeriu que estivessem atentos à presença de Deus: por múltiplas reflexões - por poucas reflexões, mas prolongadas - ou por simples atenção, sem reflexões *(Ver Explicação do Método de Oração Mental).*

Finalmente, a espiritualidade de La Salle, sua própria e a dos seus professores, foi especialmente atenta à presença de Deus nas pessoas, em primeiro lugar em si mesmas, como referido acima, e depois, de maneira especial, nos alunos confiados a seus cuidados. O selo do Instituto, com a estrela e o lema *Signum Fidei*, é uma recordação constante da meditação do Fundador para a Solenidade da Epifania. Considerando que foi pela fé que os Magos puderam

reconhecer a presença de seu Rei e Deus sob os pobres panos que o envolviam, e as circunstâncias humildes do nascimento de Jesus, La Salle escreveu: "Reconhecei a Jesus sob os pobres farrapos dos meninos que deveis instruir; adorai-o neles". E novamente, na Introdução de seu "Regras de Decoro e de Urbanidade Cristã": "...(os professores) estimularão seus alunos a somente demonstrarem tais gestos de benevolência, de honra e de respeito a seus próximos, como sendo devidos a membros de Jesus Cristo e templos vivos, animados pelo Espírito Santo".

Considere-se que os professores a quem La Salle se dirigia eram homens simples, geralmente de poucos estudos e sem a preparação acadêmica dos professores de hoje. Eram jovens ocupados todo o dia na preparação de suas aulas, com obrigações religiosas e manuais na comunidade, e ensinando depois em salas de aula que podiam abrigar de 80 a 100 alunos. Apesar de tudo isto, La Salle não hesitou em pedir-lhes que fizessem da presença de Deus na comunidade, na escola e em suas vidas, sua constante preocupação.

A espiritualidade lassalista é sempre apostólica. O Irmão *Michel Sauvage* a denominou de "realismo místico". Aquilo que se experiencía através do espírito de fé, deve transbordar em zelo para a missão. Assim, espera-se que a presença de Deus lembrada na comunidade religiosa, venha a ser um convite para lembrar essa mesma presença na escola cristã. Os Irmãos hão de levar seu próprio sentido da presença de Deus para a situação escolar, como algo a repartir. No contexto do nosso conhecimento atual da missão partilhada, os professores lassalistas são convidados a cultivar uma consciência da presença de Deus em sua vida diária.

O tão freqüentemente repetido "Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus" é um lembrete de que o compartilhar a missão traz consigo a partilha de uma consciência freqüente da presença de Deus, em cujo nome se leva a bom termo a missão. É um convite para pôr Deus no centro de tudo quanto acontece no gabinete do Diretor da escola, nas salas de aula, nas reuniões dos professores, nos encontros lassalistas de todo tipo. Felizmente, o uso desta oração parece estar sendo novamente mais difundido atualmente do que há alguns anos atrás, unindo assim a atual geração de lassalistas com as gerações que responderam a este convite ao longo de mais de 300 anos.

O problema de qualquer fórmula repetida tão freqüentemente é que ela perde algo de seu sentido, e pode alterar-se em algo parecido com um lugar-comum, e ser tratado como rotina. Tomar-se uns momentos para refletir, pode abrir para o subentendido que uma exortação tão breve está a pedir.

Lembremo-nos. Esta locução faz presumir que não se está invocando a presença de Deus pela primeira vez. Faz presumir que se tenha olvidado algo, e que, obviamente convém recordá-lo novamente. Na tarefa de reger uma classe ou uma escola, com a pressa de chegar a tempo para uma reunião de professores, ou enquanto nos preparamos para participar de um algum curso, Deus, a duras penas, pode estar no centro de nossas preocupações mais imediatas. Uma pequena pausa, então, pode fazer recordar o quê e Quem são centrais em tudo.

Estamos na santa presença. "O verbo no plural" significa cada um de nós, individualmente, e em conjunto, como comunidade. Dá a entender também que somos pessoas e, portanto, a presença é uma presença pessoal. Presença pessoal difere do modo como estamos ante as coisas (aquilo que nos rodeia) ou, inclusive, diante de outras pessoas com as quais não existe um relacionamento pessoal (uma multidão, por exemplo). Nossa consciência da presença de Deus é do tipo de presença de pessoa para pessoa, que *Martin Bubber* denominaria "encontro Eu – Tu". E a

presença é "santa", em outra palavra, é "impressionante", porque a pessoa diante da qual estamos presentes é "santa", e nos tornamos santos ao recordá-la.

A santa presença de Deus. Pede-se a nós, limitados no espaço e no tempo que, na fé, captemos e experienciemos como real a presença de Deus, que supera todo espaço e todo tempo; o Deus presente não somente a nós, mas a toda a criação, obra de Deus; o Deus, que é um mistério absoluto e, ao mesmo tempo, está na própria base de nossa existência; o Deus, cujo próprio ser se comunica gratuitamente conosco, criaturas racionais, de Deus. Recordar a presença de Deus, neste sentido, nos põe em contato com o manancial de nossa identidade como pessoas humanas, e com o objetivo último, que é nosso destino eterno.

Assim, o convite para nos lembrarmos da santa presença de Deus é um estímulo para fazer teologia. A teologia não é apenas para profissionais. A teologia é reflexão *(logos)* sobre o mistério de Deus *(Theos).* A teologia, neste sentido amplo, não exige formação seminarística nem título acadêmico. A teologia pode ser sofisticada *(Karl Rahner)* ou singela *(uma criança que escreve cartas a Deus)*; ou bíblica *(Pai, Filho Encarnado, Espírito Santo)*, ou magisterial *(Credo de Nicéia);* intelectual e objetivo, ou orante e pessoal. Contudo, nenhuma dessas teologias pode adequar-se à realidade de Deus, que é seu objeto. Inclusive assim, o convite para lembrar a Presença de Deus, é um convite para refletir sobre quem é Deus, em cuja presença nos encontramos. – Quem é Deus como tal? – Quem é Deus para mim? – Quem é Ele para todos nós, quando nos reunimos num Encontro lassalista? – E para os alunos que nos são confiados na missão lassalista? - É este o desafio quando nos servimos das palavras "presença" e "Deus" ao mesmo tempo. Exige certo tipo de preparação e de esforço, se for para estas palavras serem ocasião de uma autêntica experiência religiosa.

Tudo isto dá azo a algumas questões práticas sobre o uso tão freqüente dessa oração que os lassalistas poderiam desejar analisar. A questão principal se refere à porção de tempo e de energia espiritual necessários se quisermos experienciar, alguma vez, a fé de que estamos verdadeiramente na presença de Deus. Parece que algumas práticas que se estabeleceram no uso desta oração, são contrárias a seu efeito pleno. A maioria se referem à prática de dar simplesmente uma resposta verbal ao convite. Em alguns países europeus, as respostas têm sido: *"adorémosle"* (Espanha); *"adorons-le"* (França). É um acréscimo que não constava nos tempos do Fundador. Ao menos em uma Província dos Estados Unidos, a resposta é imediatamente seguida do sinal da cruz, ainda que a prática original nas escolas era fazer o sinal da cruz antes do convite de lembrar-se da presença de Deus. Ultimamente, em algumas localidades, devido a essa fórmula ser tão familiar, se adotou a forma de versículo-resposta: V/ "Lembremo-nos" – R/ "Que estamos na santa presença de Deus". [5] O problema de todas estas práticas é que evocam uma resposta vocal imediata capaz de deixar muito pouco tempo – em alguns casos e ocasiões, nenhum – para refletir sobre o que se está convidando fazer.

Para os lassalistas de hoje, talvez, o melhor modelo dessa oração tradicional seja aquele que, com o tempo, se tornou conhecido como da "meia hora". Nas escolas, a oração da "hora inteira" iniciava com o sinal da cruz, um convite para lembrar a presença de Deus, e era seguida de algum tipo de oração vocal. Contrastando, na oração da " meia hora", tocava a sineta, expressava-se o convite, e seguia um momento de silêncio. Esta prática pareceria mais adequada ao convite expresso, para dar tempo de interiorizar essa impressionante realidade, e fazer dessa breve oração

---

[5] No Brasil, com certeza, devido à prática dos nossos pioneiros, na maioria franceses, foi introduzida a resposta "*Adoremo-lo"*, tradução literal do *Adorons-le*, que se introduziu na França. Existe um pequeno movimento, por parte de Irmãos que passaram por outros países latino-americanos, para que se responda com "*Nós vos adoramos, Senhor!* em substituição ao consagrado, de longa data: "*Adoremo-lo",* verbo no mesmo tempo de"*Lembremo-no"s. (Nota do Tradutor).*

um verdadeiro contato com Deus. Seria algo semelhante ao conselho dado aos celebrantes de missa, que, antes de expressar o conteúdo de uma oração, façam uma pequena pausa para uma reflexão silenciosa, após o convite "Oremos". Nestes casos, o silêncio é verdadeiramente de ouro.

A pausa silenciosa do "Lembremo-nos..." lassalista, poderá ter, com variações, duração mais ou menos extensa, dependendo das circunstâncias. Nas salas de aula, a pausa poderá ser relativamente breve. Mas, em momentos de oração, em encontros lassalistas ou na oração inicial de reuniões oficiais, poderá ser mais prolongada, concluindo simplesmente com o "Viva Jesus em nossos corações". Poderá mesmo ser explicitada e tornada mais específica. Por exemplo, após o convite inicial e a pausa conveniente, o presidente poderá dizer: "Lembremo-nos da presença de Deus nesta sala durante esta nossa assembléia". Inclusive, melhor ainda: "Lembremo-nos da presença de Deus em cada um de nós, ou em alguma pessoa presente na sala; ou, inclusive, dentro de si mesmo, de cada participante. Tais modificações ajudariam a evitar a rotina, sempre que o convite inicial de lembrar a presença de Deus seja seguido de um período adequado de silêncio.

Finalmente, seja lembrado que, se for para este convite tradicional lassalista vir a ser verdadeiramente uma experiência da presença de Deus, não se poderá confiar somente na engenhosidade e no esforço humanos. Em sentido amplo, toda experiência de oração depende da iniciativa e da ação do Divino Espírito Santo dentro de nós. E, uma vez que esse Espírito nos tiver posto na disposição de rezar na presença de Deus, o mesmo Espírito tornará eficaz nosso trabalho na missão lassalista. Como o próprio La Salle nos lembra na meditação da Solenidade de Pentecostes: "*O emprego que exerceis obriga-vos a mover os corações. Mas isto somente o podereis com a cooperação do Espírito Santo"*. (Med. 43, 3).

Irmão Luke Salm
Manhattan College
8 de setembro de 2004.

PRIMEIRA PARTE: A PRESENÇA DE DEUS

1. Uma Presença Múltipla

Eu tinha entrado num *auto-serviço* administrado por marroquinos. Já colocara na bandeja o que me apetecia comer, mas, quando me apresentei ao caixa, não havia ninguém ali. Esperei algum tempo, mas, como estivesse com muita fome, perdi a paciência de esperar, e comecei a comer. Quando o caixa voltou, não pude segurar-me, e lhe disse, num tom de brincadeira, com um sorriso: "Como você esteve ausente, já me tinha dado vontade de ir embora sem pagar". Ele me fitou com um olhar meio sério, e me respondeu: "Mas, senhor, lá em cima existe alguém que tudo vê". – Não sei se esse homem era muçulmano, ou algum antigo aluno dos Irmãos lassalistas, mas admirei sua fé, ao mesmo tempo que me perguntava, quantos franceses, em circunstâncias semelhantes, me poderiam ter feito essa mesma observação.

La Salle herdou esse sentido da presença de Deus, juntamente com outros princípios, da Escola de *Bérulle*, no Seminário de *Saint Sulpice*, e guardou essa marca definitivamente, ao ponto de constituir dele um exercício específico para sua própria vida espiritual, bem como para a vida dos Irmãos do Instituto que fundou.

1.1. Ele adota como ponto de partida é uma convicção de **fé, relativa à onipresença de Deus,** com primazia mesmo sobre sua onipotência, verdade tão magistralmente posta em evidência no salmo 139: "Meu Deus, eu creio que aonde quer que eu vá, eu vos encontrarei, e que não existe lugar que não tenha a honra da vossa santa presença". *(Explicação do Método de Oração Mental, pág. 45).* "Em qualquer lugar onde formos, por remoto e escondido que seja aos olhos dos homens, ali sempre encontraremos a Deus, e é impossível fugir de sua presença" *(Ibidem)* [Deus] "está em toda parte e enche o céu e a terra, que em toda a sua extensão não podem contê-lO... Ele está em todas as coisas por sua própria natureza". *(DC 1, 102, 0, 3-04).*

Esta última citação tem o interesse de destacar o caráter natural da onipresença de Deus, efeito necessário e imediato de sua essência: pelo próprio fato de existir, está em toda a parte. Este tipo de presença não exige dEle nenhuma determinação particular, nenhum ato de vontade, ou, falando a linguagem humana, nenhum trabalho, nenhum esforço, por pequeno que seja; basta-lhe ser para ocupar o espaço.

Não acontece o mesmo com outros modos da presença divina, que poderíamos denominar de "intencionais", uma vez que dependem de um desígnio soberano de Deus, como sejam a Criação, a Aliança ou a Encarnação.

1.2. Conseqüência do **ato criador,** "Deus está presente em nós para nos fazer subsistir"; e, glosando o discurso de São Paulo diante do Areópago de Atenas *(At 17, 28),* São João Batista de La Salle prossegue: "Somente temos o ser, o movimento e a vida porque Deus está em nós, no-los comunica e, inclusive, está para no-los comunicar; de modo que, se Deus cessasse um momento de estar conosco e de dar-nos o ser, cairíamos imediatamente no nada. Que grande graça, pois, Deus nos concede por fazer-nos para si, e por estabelecer sua morada em nós, que sejamos o que somos!"*(EMO)*

1.3. Enquanto à **Aliança** tem como primeira aplicação uma presença própria de Deus na alma, à qual tradicionalmente se tem dado no nome de "inabitação divina: "Deus está presente em nós por sua graça e por seu Espírito, segundo o que disse Nosso Senhor em São Lucas, capítulo 17, que o Reino de Deus está dentro de vós; pois por seu Santo Espírito Deus reina em nós; e também

pela inabitação da Santíssima Trindade em nós, segundo o que o próprio Jesus Cristo diz em São João, capítulo 14, 23: "Aquele que me ama guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele nossa morada".

A linguagem hebraica que substitui por imagens as palavras abstratas de que não dispõe, e concretiza a presença no termo "face ou rosto", que se encontra especialmente quando se aplica a Deus, nos Profetas e nos Salmos: "Meu coração se lembra de ti: 'Buscai minha *face*. Tua *face* , Senhor, eu procuro" *(Sl 27, 8).* "...quando escondeste teu *rosto*, eu fiquei perturbado" *(Sl 30, 8).* "Levanta sobre nós, Senhor, a luz da tua *face*" *(Sl 4, 7).*

Mas o Fundador, cujo vocabulário se alimentava mais do Novo Testamento do que do Antigo, só se serviu deste termo duas vezes: "E sabiam que aquele que ressuscitou Jesus, também a eles, os escolhidos, ele ressuscitaria consigo e os apresentaria todos diante de sua *face"(Med. 183, 3).* [6] "A severidade do juiz, que retribuirá a cada um segundo suas obras, fará com que ninguém tenha coragem de olhar para sua *face".* [7]

1.4. Com **a Encarnação de seu Verbo,** Deus adota novas maneiras de presença. É assim que "se pode considerar Deus presente nas igrejas, porque Nosso Senhor Jesus Cristo está sempre presente no Santíssimo Sacramento do Altar; é Ele quem santifica esses templos nos quais está sempre realmente presente para cumular com suas graças aqueles que ali o adoram; isto faz com que possamos atribuir a esses santos lugares as palavras do Apocalipse: "Esta é morada de Deus-com-os homens. Ele vai morar junto deles. Eles serão o seu povo, e o próprio Deus-com-eles será seu Deus" *(Ap. 21, 3).*

Mas, essa humilde presença, assinalada apenas por uma discreta luzinha vermelha, não exaure o projeto que induziu o Cordeiro Pascal a fazer-se Pão e Vinho: ele quer ser alimento, antes e acima de tudo. Sem dúvida, sua permanência no corpo de quem recebe a hóstia, só dura enquanto persistem os acidentes: "quando as aparências se alteram no estômago, Jesus Cristo deixa de estar em nós por sua presença corporal, mas permanece por sua graça durante tanto e quanto tempo evitarmos ofender a Deus por um pecado grave" *(CL 20, 248*). E, de acordo com as palavras de *Paul Claudel*, os efeitos da comunhão não são dessas coisas que têm início e fim". Disto La Salle dá testemunho em seu "Instruções e Orações": "Faze por tua presença em mim que eu me torne agora totalmente diferente do que sou" *(CL 17, 271).*

1.5. A **presença sacramental** do Verbo Encarnado em cada um dos seus discípulos no momento da comunhão só personaliza sua presença prometida e realizada na Igreja, que é seu Corpo Místico: "Em São Mateus, capítulo 8, Jesus Cristo diz que sempre que duas ou três pessoas se reunirem em seu nome, Ele estará presente no meio delas" *(CL 14. 9).* E São João Batista de La Salle tira uma aplicação imediata para a vida comunitária dos seus Irmãos, aplicação que ele desenvolveu numa página que não posso deixar de citar por extenso:

> "Ele está no meio dos Irmãos para lhes dar seu Santo Espírito e para dirigi-los por este Espírito em todas as suas ações e em toda a sua conduta.
>
> Ele está no meio dos Irmãos para uni-los entre si, cumprindo ele mesmo o que pediu para eles a seu Pai antes de sua morte, por estas palavras de São João, no capítulo 17: Fazei que eles sejam

---

[6] No Caderno MEL 21, após asseverar que La Salle só empregou *duas vezes* o termo *face,* aparece a seguinte citação: Os santos apresentam nossas orações a Deus, e a nós convém querermos ser como eles holocaustos vivos diante da *face* do Senhor" - Dá esta citação como constando na Med. 184, 2. dado que não fecha, com a nossa tradução portuguesa.

[7] Na tradução portuguesa consta: ...ninguém dos presentes tenha coragem de *encará-lo. (Med. 1, 1).*

um em nós, como Vós, meu Pai, e eu somos um e que sejam consumados na unidade, isto é, que sejam de tal maneira um e fiquem unidos entre si, tendo um só espírito, que é o Espírito de Deus, que nunca se separem.

Jesus Cristo está no meio dos Irmãos nos seus exercícios para dar-lhes a conhecer o espírito de seu estado e para mantê-los e fortalecê-los na posse desse espírito, que para eles é a fonte e a certeza de sua salvação, se o possuírem sempre solidamente e sem alteração.

Jesus Cristo está no meio dos Irmãos para ensinar-lhes as verdades e as máximas do Evangelho, para delas compenetrarem intimamente seus corações e para inspirá-los a fazer delas a regra de sua conduta. Para que as compreendam e cheguem a conhecer a maneira de pô-las numa prática, que seja a mais agradável a Deus e a mais conforme a seu estado.

Jesus Cristo está no meio dos Irmãos para comprometê-los a tornar a prática das máximas do Evangelho uniforme na Sociedade, a fim de sempre manterem uma inteira e perfeita união entre si.

Jesus Cristo está no meio dos Irmãos nos seus exercícios para que todas as suas ações, tendendo a Jesus Cristo como a seu centro, eles sejam um nele pela união que terão a Jesus Cristo agindo neles e por eles.

Jesus Cristo está no meio dos Irmãos nos seus exercícios para ali dar cumprimento e perfeição, pois Jesus Cristo, com relação a estes exercícios, é como o sol que não somente comunica às plantas a virtude de produzir, mas também faz com que os frutos sejam bons e saborosos, e a perfeição que é mais ou menos grande na proporção que são mais ou menos expostos aos raios do sol. É assim que os Irmãos fazem seus exercícios e as ações próprias de seu estado com mais ou menos perfeição, à proporção que têm mais ou menos relação, de conveniência e de união com Jesus Cristo" *(CL 14.9, 10).*

Que quadro, lidimamente lassaliano, dessa "pequena família", esta Igreja de Jesus Cristo que, conforme a expressão de São Paulo, "é nossa Comunidade".

2. Uma Presença Discreta e [engageante] **sedutora** [8]

[O autor deste artigo, em francês, serviu-se do adjetivo *engageante*, que se pode traduzir por "que atrai, que seduz, que provoca gana"]. Não poderíamos, acaso, perceber nisto a qualidade mais deleitosa de Deus, e aquela que, paradoxalmente, mais se harmoniza com a idéia de discrição? Porque Deus não faz alarde, não se impõe, respeita o livre arbítrio de sua criatura no momento em que se faz o companheiro mais próximo, o hóspede mais íntimo: "Realmente, Tu és um Deus que não se deixa ver" *(Is 45, 15).*

De que maneira, o homem confrontado com esta presença que o possui por todos os lados, mas sempre de rosto encoberto, irá reagir? Para responder a isto, São João Batista de La Salle, recorrendo ao vocabulário psicológico de seu tempo, seqüencía e dá o nome das diferentes atitudes da mente e da alma: a "vista", a atenção, a ocupação, a aplicação e a afeição.

2.1. No domínio intelectual, **a "vista" não é outra coisa que um pensamento**, uma capacidade de perceber. Assim, para o cristão tudo inicia com uma tomada de consciência de que Deus, misteriosamente, está ali, dentro dele, em todo seu derredor. Com a condição, porém, que esse primeiro gesto não se restrinja a um ângulo estritamente racional, mas se abra às luzes da fé: "Logo após nos termos compenetrado o espírito da "visão" da presença de Deus, (...) vem a propósito fazer um ato de fé sobre esta verdade que Deus está presente" *(CL 14.37).* E o meio por excelência que o Fundador recomenda para chegar a essa "vista" de fé, é servir-se da Sagrada Escritura: "... sendo Palavras de Deus, conforme a fé nos faz conhecer, por si mesmas nos ajudam a

[8] Em francês *engageante.* Nos dicionários franceses contemporâneos, o adjetivo *Engageant*, é definido "*qui donne envie d'entrer en relation"* = que desperta o desejo de entrar em relacionamento.

ter a "vista" de Deus" *(CL 14.45);* e sobretudo a nos mantermos "num espírito de adoração interior por uma simples "vista" de fé de sua santa presença, de sua suprema grandeza e excelência infinita" *(CL 14. 122).*

A propósito, notemos que o termo "vista" também tem um sentido final, com a expressão "em vista de". Por exemplo: "Devem agir unicamente 'em vista de Deus' Por exemplo: "São particularmente aqueles que vivem em comunidade que devem imitar Jesus Cristo nesta prática, porque tendo renunciado ao mundo, devem agir unicamente "em vista de Deus", sem se importar do que deles se possa dizer" *(Med. 75, 1).* "É preciso que seja unicamente "em vista de Deus" e para lhe agradar que façais tudo o que fizerdes" *(Med. 75, 3).* "Que a vossa "vista" seja fazer a vontade de Deus" *(L 1,2).* "Quero ter somente a Ti em 'vista' em todas as minhas ações" *(CL 17. 213).* Façamos bem a distinção entre "a vista de Deus", daquilo que aqui constitui nosso estudo: "a vista da presença de Deus".

Este parágrafo é fechado com uma oração: " Ó meu Deus, concede-me a graça, que a vista de tua santa presença me esteja sempre presente, para que eu, sempre estando em tua santa presença, não fique nunca um só momento sem pensar em Ti" *(CL 14.43).*

2.2. A Atenção Pressupõe um Tempo de Pausa e de Reflexão. O interesse é despertado e recorre tanto à vontade quanto à inteligência para que a mente e a alma permaneçam voltadas para aquele que constitui sua razão profunda: Deus, que agora lhes está presente. Mas, não se chega a este resultado sem um esforço persistente. Primeiramente, um esforço de conversão: "É preciso ter a mente desocupada e o coração totalmente desprendido daquilo que comumente atrai a atenção e leva as pessoas a buscar o prazer. *(CL 17. 278).* Esforço, sim, mas também, e sobretudo constância."É preciso fazer todas as ações com a atenção voltada para Deus" *(CL 20. 489).* E, na Coleção de vários Pequenos Tratados é-nos fornecida esta receita: "O quê é estar atento a Deus em tudo que se fizer? – É perceber efetivamente a presença de Deus em tudo que se faz" *(CL 15.43 – Recueil 81.4).* – O leitor terá notado a veemência dos "é preciso" sobre os quais La Salle constrói as duas citações acima, para destacar o caráter radical, neste duplo aspecto, do esforço espiritual para o qual incita seus Irmãos. Na mesma relação, retoma a expressão para um incitamento final: "É preciso pedir a Deus a graça de andar sempre com Ele e com a atenção prestada à sua santa presença" *(CL 21.271).*

2.3. Depois da "vista" e da "atenção", vêm **a Ocupação e a Aplicação,** dois termos relativos à mesma realidade, a tal ponto que nosso santo Fundador emprega indiferentemente um ou outro: "A oração é uma ocupação interior, isto significa, uma aplicação da alma a Deus" *(CL 14.3).* O que se discute, neste nível, é o encontro, no mais íntimo da consciência, entre o fiel que procura Deus, e Deus que quer tornar-se presente ao fiel. E, se fosse absolutamente essencial estabelecer a nuança de diferença entre os dois termos usados, poder-se-ia dizer que "aplicação" é uma insistência maior no esforço feito pelo homem para aderir o melhor possível à presença divina, ao passo que "ocupação" se refere antes ao ímpeto que impele Deus a desvendar-se ao crente, para assim penetrar em seu coração e ocupá-lo. Dois movimentos convergentes, assim como uma resposta segue uma pergunta, ou como um presente outorgado premia um pedido.

Mas, "que a mente passe de golpe da ocupação das coisas sensíveis às coisas puramente espirituais, a muitos parece bastante difícil" *(CL 14. 33).* E São João Batista de la Salle, ao tratar da disposição da alma para a oração, esclarece este problema, e fornece a chave da solução: "A mente das pessoas, estando ordinariamente aplicada, na maior parte do dia, a coisas que em si mesmas são exteriores e sensíveis, através do recolhimento interior, de alguma maneira, sai de si mesma, e obtém pelo menos um pouco da qualidade das coisas às quais se irá aplicar. É por esta razão que,

quando uma pessoa quer aplicar-se à oração, deve começar por afastar inteiramente de si as coisas exteriores e sensíveis, e concentrar-se unicamente nas coisas espirituais e interiores. É por este motivo que se inicia com a compenetração na presença de Deus" *(CL 14.4).*

Se o Fundador insiste tanto sobre este ponto, é devido à natural incompatibilidade que, no domínio de seus relacionamentos separa, ao ponto de opor a criatura e o Criador. Assim como "não se pode amar Deus e as riquezas" *(Mt 6,24),* da mesma maneira "a aplicação às coisas exteriores destrói na alma o cuidado que se deve ter de Deus e de seu serviço" *(Med. 67,2),* ao passo que "a aplicação à presença de Deus afasta a mente das coisas temporais para preocupá-la só com o objeto, cuja aplicação é capaz de mantê-la dentro de si mesma, e, por conseguinte, torná-la interior" *(CL 14.5).* Estas duas citações, selecionadas dentre muitas outras, nos põem perfeitamente a par do ato deliberado no qual a alma se envolve. Enquanto que a aplicação emprega sua energia, excita o zelo e dedica os cuidados da alma, a ocupação abre-a totalmente e torna-a receptiva, em toda sua profundidade. E o resultado, ao qual esta busca espiritual conduz, além do conhecimento, não é outra, que uma possessão amorosa.

2.4. É certamente este sentido que gostaríamos fosse retido para a última das atitudes psicológicas que aqui estudamos, a **afeição.** Ela é a argola final da corrente que, a partir da "vista", o crente deve perfazer para chegar àquilo que La Salle, em sua época, denominou de "potências", isto é as capacidades e as forças da mente, do coração, da alma, partindo da vista. Ela é o ponto de chegada do esforço que delas exigiu e que as levou até lá. Na afeição chega-se ao ato de fé e este se expande, a piedade é nutrida e a devoção se expressa. Mais uma vez é realmente importante entender a palavra que a descreve, porque essa palavra não parou de evoluir e de se enriquecer com múltiplos significados no período de transição entre os séculos XVII e XVIII, o período da atividade literária de São João Batista de La Salle (1682-1719).

Basicamente, a palavra significa "ligação afetiva, afeto, afeiçoamento, sentimento amoroso com relação a algo ou alguém, inclinação, pendor para alguma coisa, adesão muito forte". Assim, pode-se considerar que a natureza da afeição reside na firmeza da determinação e seus efeitos principais, em todas as formas de fidelidade e de perseverança. Mas, o âmbito ou o domínio da adesão é triplo, uma vez que pode ser exercido ao nível da vontade, do juízo ou do coração.

Adesão da Vontade. Nos escritos do Fundador, nas 244 sentenças em que consta o termo "afeição", em mais de dois terços deve ser classificado sob este rótulo. Por exemplo: "A oração dispõe a nos unirmos intimamente a Deus por uma conformidade de afetos para nada mais querer nem desejar que Ele, ou com referência a Ele" *(CL 20. 407).* "Este tipo de oração inclina suavemente a alma para a prática da virtude, o que faz com que ela se dedique com ardor, que supere corajosamente as dificuldades e as repugnâncias que a natureza poderia encontrar nisto, e que abrace com afeição as ocasiões que se apresentam para praticá-la" *(CL 14.100).* (A seqüência de sentido entre "ardor, coragem, afeto, afeição..." é evidente; é sobretudo progressiva). "Aqueles que têm fome e sede de justiça, são aqueles que, vendo-se muito longe da perfeição que lhes pede, sempre se animam pelo desejo e afeição que sentem de chegar lá" *(CL 20.191).* (Aos termos evangélicos muito fortes, "fome e sede", de maneira muito natural, correspondem " desejo" e "afeição"). Os colóquios da mente e os afetos da vontade são propriamente o corpo da oração" *(CL 15.99 e Pequenos Tratados 193.3)* "Que toda a minha afeição seja amar-vos e ser-vos agradável em todas as coisas" *(CL 17.80).* Poder-se-iam prolongar as citações à vontade, até cansar.

Adesão do Juízo. As conotações do termo "afeição" passam do registro da energia e da decisão ao de estima, gosto, inclinação e, chegam ao limite do ideal pessoal. Considere-se: "Os

professores lhes inspirarão uma grande estima e uma afeição toda particular pelos ofícios da Igreja" *(Cl 24.95).* (De maneira alguma é aqui uma questão de sentimentalismo!). "Durante toda a vida deveis colocar vossa afeição (vosso ideal) em obedecer" *(Med. 12.1).* "Os Irmãos exporão a seu Diretor suas penas, suas tentações, suas afeições (a inclinação), ou a facilidade e a dificuldade que encontrarem na prática da virtude" *(CL 25.50 e Regra 12.8).* "Se houver livros em latim traduzidos para a língua vulgar, ou o latim estiver em um lado e o vulgar no outro, a leitura somente será permitida àqueles que não tiverem nenhuma afeição (nenhum gosto) pelo latim" *(Cl 25.94 e Regra 26.3).* " É contrário à obediência desgostar-se acerca do que foi mandado, executá-lo sem afeição (hoje diríamos sem convicção), levianamente, murmurando ou manifestando repugnância" *(CL 15.31 e Pequenos Tratados 56.2).* "Que Deus infunda nos seus corações a afeição (ideal pessoal) pela sua salvação" *(Cf. Med. 56, 3).*

Adesão do Coração. Entramos aqui no domínio das emoções, dos sentimentos, das paixões. O termo "afeição", aqui, finalmente, adquire seu sentido real, mesmo que seja o menos freqüente em La Salle. Efetivamente, encontramo-lo apenas 18 vezes. Eis alguns exemplos: "Os alunos manifestam pouca afeição por um professor que não atrai pela afeição [n'est pas *engageant]* (Que não desperta desejo de se relacionar; não manifesta afeição!). "Amar a Deus de todo o coração é amá-lo com toda a afeição, sem nenhuma reserva e sem dar lugar em nosso coração a outra coisa, que não Deus, que deve possuir o coração totalmente" *(CL 20.94).* "Se somente manifestarmos afeição por aqueles que nos amam, qual será nossa recompensa? " *(CL 20.455).* "Absolutamente nada fora de Deus merece nossa afeição" *(Med. 125.2).* "Os Irmãos manifestarão uma cordial afeição uns pelos outros" *(CL 25.53 e Regra 13.1).* "Manifestarão afeição igual a todos os seus alunos" *(CL 25.36 e Regra 7, 14)*

Que o leitor me desculpe pela longa lista de citações, de índole ineludívelmente fastidiosa, malgrado, assim me parece, o único jeito para tornar conhecida a riqueza fora do comum do termo "afeição" com sua denotações e suas conotações, e ao mesmo tempo de sua ambigüidade intrínseca, fonte de espinhosas dificuldades de leitura e de tradução.

O quê, pois, conviria reter relativamente ao meu propósito? – Poderia dizer que, no domínio da presença de Deus, a afeição, o afeto... é uma busca que traz em si sua recompensa, uma plenitude de prazer que incessantemente aguilhoa uma necessidade sempre renascente, um desejo nunca saciado. Como São João Batista de La Salle assevera: "Acontece que muitas almas, interiormente libertas, e desprendidas de afeições às coisas criadas, que Deus lhes conceda esta graça de raramente, ou mesmo nunca perderem de todo a lembrança da presença de Deus; isto é para elas é uma felicidade antecipada e um antegozo da bem-aventurança no Céu" *(Cl 14. 30). Afeição* aqui nos relembra uma palavra que já encontramos no parágrafo *Atenção,* e que nos poderia espantar por vir da pena do Fundador, a palavra *prazer* [2.2. acima] *(CL 17, 278).*

2. Uma Presença Eficiente

Quando Deus concede a graça de sua presença a uma pessoa, Ele não a reduz a um dom digamos assim, seco, árido, fechado sobre si mesmo. Pelo contrário, ele o faz acompanhado de efeitos benéficos que o fazem reluzir e se difundir. Pois, para Ele, ser é amar, e amar é "que os homens tenham vida, e a tenham em abundância" *(Jo 10, 10).*

No capítulo 2º da Explicação do Método de Oração Mental, La Salle propõe as seis maneiras de se pôr na presença de Deus, especificando para cada uma delas os "frutos" que lhe são próprios. O fato de mencioná-las em sucessão demonstra que, caso se determinar um itinerário

cotidiano de conversão, esses frutos contribuirão de maneira muito valiosa para o germinar e o crescimento da vida cristã.

3.1. Manter esse sentimento da presença divina tem como primeiro efeito mantermo-nos facilmente recolhidos e atentos a Deus, quer caminhando, quer permanecendo em algum lugar, mesmo que seja em local que favoreça grandemente o alheamento e a distração, e o segundo efeito é **"obstar-nos de ofender a Deus** quando somos tentados, ou estivermos em ocasiões de cair em pecado. Pois, se temos vergonha de pronunciar certas palavras, ou praticar certas ações, que pudessem desagradar a uma pessoa por quem temos consideração, com quanto mais razão devemos temer ofender a Deus na presença dEle, Ele que é tão bom e amoroso conosco" *(CL 14. 7,8).*

Ora, se o esforço inicial de conversão consiste evidentemente na fuga do pecado, conseqüentemente ele traz consigo, "não nos servirmos, para ofendê-lO, do movimento que Deus nos dá e que continuamente mantém em nós, e das ações que opera em nós e conosco, e que praticamos para Ele *(CL 14. 14),* mas, pelo contrário, tomar os cuidados do corpo em vista de fazer Deus viver em nós, de vivermos de sua vida e de viver por Ele" *(CL 14. 13).* E este bom uso do corpo se estende ao conjunto daquilo que o Pai Celeste dispôs em nós e colocou a nosso serviço para o desenvolvimento de nosso ser em todas as dimensões: elementos naturais ou seres humanos.

Para designar esta prática, os autores espirituais da época recorreram a uma expressão tradicional: "o desprezo das criaturas". Uma tal fórmula nos pode surpreender, e até mesmo nos chocar na medida que, em nossos dias, a teologia de nossa relação com o mundo (logo, com sua espiritualidade), evoluiu num sentido bem mais positivo. Não se trata de ver nas realidades terrestres o Reino de Satanás, para fugir de suas pompas e de suas obras. Mais simplesmente, trata-se de não atribuir um valor absoluto, como um avarento poderia fazer de seu dinheiro um ídolo, o orgulhoso do seu próprio eu, mas de mantê-los no seu lugar intermediário entre Deus e nós, respeitando sua finalidade específica que é contribuir, na sua ordem, à plena realização de nossa vocação sobrenatural. É isto que São Paulo expressou em tão bela declaração aos cristãos de Corinto, que "tirassem proveito do mundo, como se não aproveitassem, pois a figura deste mundo passa" *(1Cor 7, 31).*

3.2. O primeiro efeito, como dito acima, de "nos **manter facilmente recolhidos e atentos à santa presença** de Deus, quer caminhando, quer permanecendo em algum lugar, mesmo que seja em local que favoreça grandemente o alheamento e a distração", quando se tratou as "disposição da alma para a oração, tem que ser retomado aqui, por si mesmo, porque, na espiritualidade *beruliana*, e, conseqüentemente na de La Salle, se reveste de uma importância toda especial.

É um dos aspectos dentre tantos outros, do antagonismo irredutível que a Sagrada Escritura estabelece entre Deus e "o mundo", ou "a carne" , e a opção radical que conseqüentemente propõe ao fiel. La Salle explica e justifica essa opção: "A aplicação a Deus tem isto de característico: é incompatível com a aplicação às coisas exteriores e sensíveis, porque Deus é espiritual; e, além disto, não podendo convir nem mesmo com a aplicação às criaturas espirituais, porque Deus está infinitamente acima de todas as coisas criadas, por mais distantes que sejam da matéria e por perfeitas que sejam, na mesma proporção que ocupa o espírito, expele a aplicação ás criaturas" *(CL 14, 5).* E logo, à guisa de animação, descreve os resultados de antemão: " E, por uma conseqüência necessária, quanto mais uma alma se aplica a Deus, tanto mais se liberta da ocupação pelas criaturas, e, por conseguinte, do apego e da afeição que teve ou tem a elas; porque, como um produz a outra, a privação dele na alma causa necessariamente a privação da outra. É assim que, insensivelmente, a alma, enchendo-se de Deus, se desprende das criaturas e se torna o que se chama *interior*, pela desocupação e o desprendimento das coisas sensíveis e exteriores" *(CL 14.5).*

3.3. Estes últimos textos nos permitem avaliar o alcance do sentimento da presença de Deus e seu impacto sobre a própria vida espiritual. Ela é o germe na alma do fiel que a ela se abre, e lhe facilita o enraizamento. É também o alimento da vida espiritual, por uma lembrança freqüente que exige, para ser renovada, somente um instante de amorosa atenção. Apresenta especialmente a incomparável vantagem de **mantê-la fixada no seu centro natural que é Deus.** "Neste mundo, não deveis buscar outra coisa do que estabelecer o Reino de Deus na vossa alma, quer para esta vida, quer para a outra. Nesta vida, o que importa é esforçar-vos seriamente para que Deus reine no vosso coração por sua graça e pela abundância do seu amor. Só para Ele deveis viver, e a vida de Deus deve ser a vida de vossa alma. Por Ele também deveis nutri-la, vivendo, quanto possível, em sua santa presença" *(Med. 67, 1).*

É lá que se encontra a solução do conflito sobre o qual refletimos nos parágrafos precedentes: Somente o Criador é quem dá sentido a suas criaturas; é somente nEle que elas devem ser olhadas; somente a partir dEle elas devem ser estimadas. "Devemos fazer transparecer por nossa conduta que efetivamente vivemos da vida de Deus e que unicamente devemos ter pensamentos que nos enchem de Deus, e com sentimentos de desdém por todas as coisas deste mundo pelo que parecem por fora. E, se tivermos que atribuir-lhes um valor, somente deve ser por aquilo que elas são em Deus, compenetrados como devemos estar que todas as coisas só valem por aquilo que são porque Deus reside nelas e elas estão imbuídas de Deus" *(CL 14, 13).*

O cristão nunca deveria adotar como *slogan* "Desde que encontrei o rosto de Deus, já não suporto mais o rosto dos homens", mas antes "Desde que encontrei o rosto de Deus, encontro a todo instante o rosto de meus irmãos". E São João Batista de La Salle tira disto a aplicação pastoral: "Estais obrigados a instruir as crianças pobres. Por conseguinte, deveis ter-lhes especial carinho e procurar seu bem espiritual quanto vos for possível, considerando-as como membros de Jesus Cristo e como seus amigos prediletos. A fé que vos anima deve induzir-vos a honrar Jesus Cristo na pessoa dos pobres e a preferi-los aos mais ricos da terra, pois são imagens vivas de Jesus Cristo, nosso divino Mestre". *(Med. 80, 3).*

3.4. O desabrochar do sentido da presença de Deus em si próprio, para o da presença de Deus em outra pessoa, amadurece a vida interior do fiel e lhe confere seu verdadeiro cunho de vida de união com Deus. Ao mesmo tempo o engaja na via que conduz ao grau máximo da vida cristã: a santidade, especialmente aquela que deve ser a nossa: "O que distingue, principalmente, a vida dos santos é sua constante atenção a Deus. Esta também deve ser a atitude das almas consagradas a Deus, que só procuram cumprir a santa vontade de Deus, amá-lo e fazê-lo amado. Esta deve constituir toda a vossa ocupação nesta vida, a este fim devem tender todos os vossos trabalhos" *(Med. 67, 1).*

SEGUNDA PARTE: O EXERCÍCIO DA PRESENÇA DE DEUS

No dia 8 de julho de 1708, La Salle escreveu ao Irmão *Denis,* Diretor de *Darnétal*: "Aplicar-se à santa presença de Deus é uma prática grandemente útil. Seja fiel a ela!" (Cartas, 11.8).

Lendo esta asserção, é difícil não atinar com a profunda convicção que dela emana. Trinta e oito anos após ingressar no Seminário de *Saint Sulpice*, ela nos transmite muito mais que um eco dos ensinamentos que ele ali recebeu, um testemunho sincero e vigoroso de sua experiência espiritual. Com efeito, manifestam-se nela, em perfeita sintonia, o doutor de teologia, o diretor de consciência, e sobretudo o buscador de Deus que ele foi, no mais profundo de sua alma, ao longo de toda a vida.

Assim, parece-me perfeitamente lógico que, bem a par de uma tradição mística secular, ele tenha proposto, tanto a seus Irmãos como aos alunos de suas escolas, uma prática que ele sabia ser muito fecunda.

1. Aspecto Religioso do Exercício da Presença de Deus

"Lembrar-se-ão, quanto puderem, da santa presença de Deus, e cuidarão de renová-la de quando em quando, bem convencidos de que só nEle devem pensar e no que lhes manda, isto é, nas coisas de seu dever e emprego" *(Regras Comuns, capítulo 2º, 7).* Foi esta a norma estabelecida para os Irmãos, no artigo 7º , do capitulo 2º, das Regras Comuns: "Do Espírito deste Instituto".

1.1. Com efeito, é importante perceber que a prática da presença de Deus, para La Salle, não se reduzia a uma devoção mais ou menos secundária, deixada ao capricho de cada um, e que simplesmente acrescentava algo à sua piedade, à semelhança de uma cereja ou um morango colocados encima do uma torta; um resquício folclórico. Ele a inseriu no cerne mesmo daquilo que constitui a espiritualidade original que ele legou aos Irmãos como marca de origem, fundamento de sua personalidade e critério de sua identidade no seio da Igreja: o espírito do Instituto.

Em todas as Regras de Congregações Religiosas Docentes, masculinas e femininas, que pude ler, (uma quinzena), verifiquei que seus autores concordam em instituir a caridade como base e fonte de seu carisma. Pelo que cheguei a concluir, somente ele, La Salle, foi para mais longe, enraizou seu Instituto sobre o próprio princípio da vida cristã: a fé. E não uma fé qualquer, mas aquela que, segundo São Tiago, "concorre para as ações, e as ações completam a fé" *(Tg 2, 22),* aquela fé que, segundo a Regra atual, "desabrocha nos Irmãos em zelo ardente por aqueles que lhes são confiados, a fim de dispô-los a acolher a salvação revelada em Jesus Cristo" *(R. 7).*

No texto citado acima, das Regras Comuns de 1718, o próprio Fundador esclarece sua intenção, incluindo a locução "bem convencidos" *(étant bien persuadés que)*, uma fórmula familiar que ele empregava toda vez que queria obter de seu interlocutor uma adesão sincera, daquelas adesões que comprometem a pessoa. Depois prossegue: " que só nEle (Deus) devem pensar e no que lhes manda, isto é, nas coisas de seu dever e de seu emprego". A expressão da idéia é radical, como o advérbio "só" já faz significar; é imperiosa (o termo "dever" evoca uma obrigação moral, que depende do estado de vida, em seu sentido mais geral: emprego e situação social); é concreta (o termo "emprego" designa o ministério próprio dos Irmãos, que eles exercem no coração da Igreja, dentro, e através da escola cristã.

Apresenta-se agora a seguinte questão: Que relação conecta o espírito de fé ao exercício da presença de Deus? – Para responder a isto, vamos recorrer novamente ao santo Fundador. Numa

carta, da qual o biógrafo *Blain* cita apenas uma passagem *(CL 8.232)*, ele explica: "O espírito de fé é uma participação do Espírito de Deus que mora em nós, e faz com que nos regulemos por sentimentos e máximas que a fé nos ensina" *(Carta 105).*

Esta asserção é um exemplo característico do espírito de síntese de São João Batista de La Salle. Toda ela concentrada no Espírito Santo, ela afirma primeiramente, de maneira categórica, a presença dEle em nossa alma, para logo em seguida, na parte final, explicitar sua ação no domínio do desenvolvimento de nossa vida cristã. Doutrina tradicional na Igreja, que reencontramos na meditação para a segunda-feira na oitava de Pentecostes: " As verdades que o Espírito Santo ensina aos que o receberam são as máximas espalhadas no santo Evangelho. Ensina-lhes a compreendê-las, a gostar delas e os faz viver e agir de acordo com elas, pois somente o Espírito de Deus pode dar-lhes esta compreensão, e excitá-los eficazmente a praticá-las, porque estão acima das forças do espírito humano" *(Med. 44,2).* Aquilo que Deus, presente em nós, nos comunica por seu Espírito não pode ser de outra natureza daquilo que nos transmitiu por seu Filho: "Mas o Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos tenho dito" *(Jo 14, 26).*

A lembrança da santa presença de Deus é, pois, enunciar um ato de fé, e, neste mesmo ato, se rejuvenescer nas fontes da fé.

Mas, o santo Fundador, cuja primeira preocupação pelos seus Irmãos era garantir-lhes uma formação espiritual, que ele considerava indispensável, tanto para vida religiosa como para o apostolado deles, não poderia contentar-se somente com formular princípios gerais, por excelentes que fossem, nas Regras que escreveu para eles. Serviu-se de todas as ocasiões propícias, em especial dos colóquios nos seus encontros com eles, mas sobretudo da correspondência mensal que mantinha com todos, para lhes fornecer, com palavras simples e concretas, todos os esclarecimentos desejáveis e esperados sobre esse espírito de fé, do qual disse, "que aqueles que não o tiverem ou que o perderam, devem ser considerados, e considerar-se pessoalmente, como membros mortos, porque estão privados da vida e da graça do seu estado" *(CL 25.18 , Regras 2, 1).*

Retomou esta instrução tão preciosa na Coleção de Diversos Pequenos Tratados, cuja edição mais antiga, data de 1705. Encontramos ali esta pergunta: "Quais são os meios mais apropriados que nos são dados para nos ajudar a adquirir o espírito de fé e nos conduzir por ele?". E ele responde que são sete. E, após algumas indicações tiradas das Regras, como "ter um profundo respeito pela Sagrada Escritura ... animar todas as ações com sentimentos de fé... ter sentimentos de fé em todas as ações ...", ele acrescenta: " A sexta é 'ficar o mais possível atento à santa presença de Deus, e renovar esta atenção de vez em quando'" *(CL 15. 44. Peq. Tr. 82, 83).*

Algumas páginas mais adiante, volta ao tema, e explicita esta doutrina: "Como é que a atenção à santa presença de Deus nos ajuda a conduzir-nos por espírito de fé?" – E responde: "É porque ela nos ajuda: 1. A fazer nossas ações por reverência a Deus. – 2. A fazê-las com modéstia e recolhimento, por causa da presença de Deus. – 3. A fugir do pecado, qualquer que seja, porque desagrada a Deus e ofende os olhos de sua Divina Majestade" *(CL 15.49 – Peq. Tr. 93, 94),*

1.2. Integrante do espírito de fé, o exercício da presença de Deus desempenha um papel capital na **vida interior** do lassalista. Esta, amiúde é designada mais explicita e sugestivamente como "vida de união com Deus", expressão que justifica plenamente a importância que nela tem o exercício da presença de Deus. Para viver na união com alguém, acaso não é necessário que esse alguém, de uma maneira ou de outra esteja presente? – E, como Deus nunca cessa de estar presente,

tanto em nós como em todo o nosso derredor, pertence à nossa piedade fazer o esforço de, na fé, nos tornar manifesta sua presença.

Assim, na Coleção de Pequenos Tratados explica que convém prestar "atenção à santa presença de Deus": 1. Porque é um meio de afastar da mente os pensamentos maus ou inúteis, ou impedir que eles deixem alguma má impressão. – 2. Porque ela é a alma e o sustento da vida interior. – 3. Porque os exercícios espirituais terão muito pouco vigor se não forem animados pela presença de Deus" *(CL 15. 62. – Peq,Trat. 119.10,22).*

Sem dúvida, a primeira razão citada pode parecer-nos bastante negativa. Contudo, ela não menos denota a caráter muito realista do pensamento de La Salle, como se percebeu no texto já citado: "Qual é a mente que passa de um momento para outro, da ocupação das coisas sensíveis às coisas puramente espirituais? Isto parece muito difícil a muitos, e a outros totalmente impossível" *(CL 14.33).* Um esforço decidido para a livrar e purificar se faz pois indispensável para dar abertura e existência às realidades espirituais evocadas nas duas outras razões, o que justifica amplamente a primeira.

Dentre outras disposições concretas tomadas pelo Fundador para regular o cotidiano dos Irmãos, duas assinalam sua permanente preocupação de animá-los e ajudá-los no crescimento de sua vida interior. Na longa lista do Catálogo de assuntos de conversação para os Irmãos nos seus recreios, "Do muito fruto que se lucra com o exercício da presença de Deus, e dos meios que cumpre empregar para se torná-la fácil e freqüente" *(CL 15.36 – Peq. Tra. 66.4, 7).* E nos artigos "sobre os quais os Irmãos se devem examinar no exercício da renovação, ele nos incita a ir mais longe: "Se guardamos exatamente o silêncio e o recolhimento dentro e fora de casa; se prestamos atenção à santa presença de Deus, se é com freqüência ou mesmo continuamente..." *(CL 15.20 – Peq. Tra.34.20).*

Na Explicação do Método de Oração Mental, efetivamente, ele revela essa constatação, que soa algo como confidência pessoal: "Pode acontecer a muitas almas desocupadas interiormente e mesmo desprendidas das afeições às coisas criadas, que Deus lhes conceda a graça de raramente, ou nunca perderam a lembrança da presença de Deus, o que para elas é um antegozo da bem-aventurança no céu" *(CL 14.30, 31).*

Conforme sua linguagem, as expressões "vida interior" e "vida espiritual" são sinônimos perfeitos. Empregou a primeira 211 vezes, e a segunda 218 vezes. Por vezes junta as duas por razões de insistência: "Jesus Ressuscitado lhes diz: 'A paz esteja convosco' para nos fazer conhecer que um dos principais sinais de que uma pessoa vive uma vida nova, isto é, uma vida interior e espiritual..." *(Med. 31.1).* Mas é raríssimo.

1.3. Todas as religiões prescrevem a seus fiéis **práticas específicas** que assegurem, manifestem e nutram sua vida de união com Deus: Leitura dos textos sagrados, oração comum e particular, participação nas oferendas e sacrifícios cultuais. Nós encontramos isto, bem claro, no cotidiano de cada Irmão.

Desde sua origem, a vida monástica cristã, tanto no Oriente como no Ocidente, prescreveu a seus membros uma leitura que a tradição classifica como "espiritual", sem dúvida, por causa do caráter religioso das obras utilizadas, mas, com mais razão, porque elas visam ao crescimento não tanto dos conhecimentos do leitor com ao incremento de seu amor a Deus. Daí estes conselhos do Fundador: "Não comeceis nenhuma leitura sem vos ter posto na presença de Deus; pedi-lhe por alguma breve oração, as graças e as luzes próprias para compreender e praticar o que ides ler" *(CL*

15. 74 – Peq. Tra. 143. 15), e ainda " Lede o vosso livro como leríeis uma carta que Jesus Cristo vos tivesse enviado pessoalmente, para vos dar a conhecer sua santa vontade" *(CL 15.75 – Peq.Tra. 144.10).*

Entendida assim, a leitura espiritual prepara diretamente para a oração, o exercício por excelência da vida interior. La Salle consagrou a ela todo um tratado, do qual foram extraídos um grande número de textos que ilustram este estudo. Seria fastidioso voltar novamente a eles. Contento-me com esta sugestão: "A primeira coisa que se deve fazer na meditação, é compenetrar-se interiormente da presença de Deus; e isto sempre se deve fazer mediante um sentimento de fé, fundado sobre uma passagem tirada da Sagrada Escritura" *(CL 14.6).* Ou esta outra observação: "É bom observar quanto à aplicação à presença de Deus, que não se deve limitá-la a pouco tempo, porque é exatamente ela que mais contribui na procura do espírito de oração e a aplicação interior que se pode ter nela; mas que é preciso agir de tal maneira que o espírito se ocupe o tempo mais longo possível, e de não aplicá-lo a outro assunto, enquanto tiver meios de prestar atenção a ela" *(CL14.35).*

La Salle sempre soube conjugar o conselho com o incitamento: " Se amais a Deus, a oração será o alimento de vossa alma; e Deus entrará em vós e vos fará sentar à sua mesa, como se expressa São João no Apocalipse. E gozareis da vantagem, de tê-lo presente em vossas ações, sem outra intenção do que agradar-lhe. Chegareis mesmo a ter sempre fome dele, como diz o Sábio, porque, segundo a expressão do Profeta-rei, ficareis plenamente saciados somente quando gozardes de sua glória no céu. Fazei-vos dignos de tal graça e de possuir tal felicidade, levando uma vida santa" *(Med. 177, 3).*

Em 1702, por conseguinte, antes da Explicação do Método de Oração Mental, La Salle publicou uma obra de 280 páginas, intitulada "Instruções e Orações para a Santa Missa, a Confissão e a Comunhão". Destinava-se prioritariamente às crianças, meninos e jovens, mas tendo por trás a idéia de atingir, por meio destes, também os pais deles. Nesse livro, condensou as proposições para os Irmãos nos Pequenos Tratados, onde encontramos este conselho: "Renovai muitas vezes, na igreja, o pensamento da presença de Deus e do respeito que os santos anjos têm diante da sua Divina Majestade" *(CL 15.69 – Peq. Tra. 133.4).*

Na realidade, suas diretivas aludiam a todas as horas do dia, a todas as atividades dos Irmãos. Caso se tratasse do trabalho, " todos se ajoelharão para adorar a Deus presente, em todos os lugares da casa quando entrarem ou saírem, exceto no pátio ou no jardim, bem como no locutório, onde se contentarão com descobrir-se e saudar o crucifixo" *(CL 25.25. – Regra 4.13).* Ou quando se tratava dos lazeres: "Tomai todos os dias, depois das refeições, um pouco de recreio, a fim de voltar depois aos exercícios com mais afeto e aplicação. (...) Não vos entregueis a ele com excessivo ardor e abandono; cuidai em não vos dissipardes e em não perder a presença de Deus" *(CL 15.77 – Peq. Tra. 149.6)*

E a Regra atual, reescrita em 1986, não diz nada diferente, ao fechar o segundo capítulo com esta assertiva: " Toda a vida dos Irmãos é transfigurada pela presença do Senhor que chama, consagra, envia e salva" *(Regra, 21).* Esta asserção não foi escrita em papel por La Salle. Mas ela se reveste totalmente de seu estilo.

2. Aspecto Pastoral do Exercício da Santa Presença de Deus

A educação intuída por La Salle para os alunos de suas escolas tem por fim fazer deles "verdadeiros cristãos" *(Med. 171, 3),* "verdadeiros discípulos de Jesus Cristo" *(Med. 116,2),*"

verdadeiros filhos de Deus e cidadãos do Céu" *(Med. 199, 3),* incutindo-lhes o "verdadeiro espírito do cristianismo" *(Med. 159,1).* E toda a sua pedagogia foi elaborada neste sentido. Para termos a prova disto, basta que folheemos o "Guia das Escolas Cristãs" *(Cl 24)* e os "Exercícios de Piedade que se Praticam durante o Dia nas Escolas Cristãs" *(Cl 18).*

Ele denomina as duas partes da jornada escolar entre "manhã" e "tarde", em detrimento de outros termos usados em sua época. Em seus escritos, encontramos uma única vez "período matutino, ou matinal *(matinée)* e vespertino, noturno *(après-dîner), e* três vezes tarde *(après-midi).*

2.1. Numerosas orações determinam a duração do trabalho diário, pelo fato de abrirem e fecharem atividades particulares. Elas mesclam ordinariamente as fórmulas em latim e em francês.

As mais longas, que se rezam no início das aulas da manhã às 8 horas *(CL 18.3)* e de tarde às 13h30 min *(CL 18.31)* iniciam com o sinal da cruz, o convite "Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus" e a invocação ao Divino Espírito Santo. Em seguida, elas constam de um dos sete atos de fé "que se rezam a cada dia da semana": no domingo, sobre "tudo aquilo que a Igreja crê e me recomenda crer"- na segunda-feira, sobre o mistério da Santíssima Trindade – na terça-feira, sobre a imortalidade da alma – na quarta-feira, sobre o mistério da Encarnação – na quinta-feira, sobre a Santíssima Eucaristia – na sexta-feira, sobre o mistério da Redenção, e no sábado, sobre o mistério da Ressurreição *(CL 18.19, 21).*

O tempo de aula, das 8h30 min às 10h30 min da manhã, e das 13h30 min às 15h30 min, iniciavam por um ato de oferenda e de pedido: "Meu Deus, vou assistir a esta lição por amor a ti; dá-me, por favor, a tua bênção" *(EP 1,10).* "Meu Deus, vou realizar esta ação, por amor a ti, permite-me que eu a ofereça a ti, em honra e em união com as ações que teu Filho Jesus Cristo realizou enquanto estava nessa terra, e concede-me a graça de realizá-la tão bem que ela te possa agradar" *(EP 6,2).* "Continuarei, meu Deus, fazendo todas as minhas ações por teu amor . Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Amém *(EP 1, 8).* Os alunos repetiam esta fórmula cada vez que mudavam de atividade.

As orações que se rezavam no final das aulas da manhã "integravam um ponto de reflexão que o professor iniciava brevemente para sugerir aos alunos a tomada de boas resoluções. Havia cinco: uma para cada dia de aula: 1. Consideremos que este dia só nos foi dado para trabalhar em nossa salvação. – 2. Tenhamos presente que este dia pode ter sido o último de nossa vida. – 3. Tomemos a resolução de empregar todo este dia para servir bem a Deus para ganhar a vida eterna. – 4. Estejamos dispostos a morrer hoje, preferentemente a ofender Deus. – 5. Pensemos nas faltas que cometemos mais ordinariamente, e prevejamos as ocasiões que nos fazem cair em pecado, e procuremos descobrir os meios de evitar ofender a Deus" *(CL 18.9).*

As orações que se rezavam no final das aulas da tarde compreendiam um exame de consciência muito detalhado. Havia quatro modelos, cada um deles retomado durante todos os dias de uma semana do mês. "Cada um se interrogava em particular" *(CL 18.30,33).* O desjejum que precedia a aula da manhã *(CL 18.4)* e a merenda que vinha depois da aula da tarde *(CL 18.23)* eram precedidas pela bênção e seguidas pela ação de graças.

O final da merenda anunciava a hora do catecismo, verdadeiro coroamento da jornada letiva. Iniciava ordinariamente às 16 horas *(CL 18.24)* por um canto. Um opúsculo diferente dos "Exercícios de Piedade", numa coleção de 70 cantos para os diferentes tempos e festas litúrgicas, aos quais estava acrescido um "convite ao catecismo", com refrões destinados a cada dia da semana *(CL 18.134).*

No final do catecismo era repetida a fórmula que se rezava no final das lições: "Meu Deus, eu te agradeço por todas as instruções que tu me deste hoje na escola; concede-me a graça de tirar proveito delas, e de ser fiel em pô-las em prática". *(CL 18.25).*

Em todos estes atos de devoção, o corpo participava ativamente. Os alunos deviam manter uma atitude prescrita. "No primeiro sinal da sineta, todos os alunos se devem pôr de joelhos, os braços cruzados, e os olhos baixos numa posição e com exterior muito modesto" *(CL. 24.6).* E o professor deve estar totalmente atento: "O professor cuidará para que não se movam, não mudem de postura, não se apóiem com os braços nem pela frente nem por trás, que não se sentem sobre os calcanhares; que virem a cabeça para olhar para todos os lados, e, sobretudo que não toquem uns nos outros" *(CL 24.81).* Sobretudo que "o professor faça durante as orações, bem como em todas as outras ocasiões, o que quer que seus alunos façam. Ficará sempre em pé diante de sua mesinha, com um exterior muito circunspecto, muito recolhido e bem composto, os braços cruzados e numa grande modéstia, para dar o exemplo aos alunos em tudo aquilo que eles devem fazer durante esse tempo" *(CL 24.81).*

Até mesmo os próprios movimentos de entrada e de saída deviam obedecer a um ritual: "Os professores cuidarão que 'ao entrar na escola, todos os alunos caminhem tão calma e pausadamente que nada se ouça; que tirem o chapéu ou os gorros ao umedecerem o dedo na água benta e fazerem o sinal da cruz. Os alunos serão estimulados a entrarem em suas salas de aula com um profundo respeito, em vista da presença de Deus. Chegando no meio da sala, farão uma profunda inclinação diante do crucifixo, saudarão o professor, e depois se dirigirão pausadamente e sem ruído aos seus lugares ordinários" *(CL 24.2,3).*

Verifica-se que até mesmo a maneira de trajar não deixa de ter sua importância, em virtude de um princípio posto em vigor por La Salle em seu "Deveres de Decoro": "A negligência na maneira desleixada de trajar é um indício de que não se está prestando atenção à presença de Deus, ou que não se tem suficiente respeito a Ele" *CL 19.61).*

2.2. Estas exemplificações fizeram com que percebêssemos o quanto ", a orientação dos professores, da manhã à noite *(CL 25. 16 – Regras, cap. 1º, 3)* realiza para a formação dos alunos, uma união íntima e natural entre o humano e o cristão. Os últimos textos citados me levam agora de volta ao tema próprio: a presença de Deus.

As orações que passei brevemente em revista são todas rezadas no início ou no final das diversas atividades, e têm por finalidade fazer com que as crianças, os meninos, rezem por ocasião de suas atividades. La Salle inseriu outras no decorrer do dia, de uma natureza bem diferente. Eis como ele as apresentou: "A cada hora do dia far-se-ão breves orações que servirão aos professores para renovar sua atenção sobre si mesmos e a presença de Deus, e aos alunos para os habituar a pensar em Deus de tempo em tempo durante o dia, e dispô-los a oferecerem a Ele todas as suas ações para atraírem sobre si suas bênçãos" *(CL 24.76).*

Em "Exercícios de Piedade" são marcadas as horas dessas orações: De manhã, "às nove e às 10 horas" *CL 18.6),* e de tarde "às 14 e às 15 horas" *(CL 18.22).* São também indicados os conteúdos: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Lembremo-nos que estamos na santa presença de Deus. Bendito sejam o dia e a hora do nascimento, da morte e da ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo. Meu Deus, eu te dou meu coração; dá-me a graça de passar esta hora e o resto do dia em teu santo amor e sem te ofender". – Seguem: Uma Ave-maria e o ato de fé previsto para o dia *(CL 18.6).*

Além disto, no "Guia das Escolas Cristãs", após detalhar a maneira de se manterem, que os alunos deviam guardar durante as orações do dia *(Cf. acima CL 24.81)* consta: Durante as outras orações que se fazem durante os diferentes tempos na escola, o professor e os alunos ficarão sentados nos seus lugares, os braços cruzados, com um exterior tão modesto como devem ter nas orações da manhã e da tarde" *(CL 24.82.*

Essas lembranças da presença de Deus não indicam, na realidade, a passagem de uma atividade a uma outra. Elas apenas suspendem durante um breve instante a lição em curso que, após este momento de respiração espiritual, retorna imediatamente para onde foi interrompida. É, pois, conveniente e mais prático ao mesmo tempo, que os alunos permaneçam na posição de trabalho em que estavam.

Mas, a verdadeira originalidade dessas "outras orações" reside no fato de que elas se referem não só para às crianças, aos meninos, mas também, e principalmente, aos professores. Elas oferecem a estes, no coração mesmo de seu trabalho, a ocasião de retornar às suas fontes, naquilo que o Fundador denomina " o espírito do seu estado", essa condição tão singular que, nesta época, em que os leigos agora são chamados oficialmente a atuar comunitariamente, juntos e por associação, realizando a obra da Igreja no âmbito escolar deverá distingui-los. Nesta "sociedade" em que o emprego foi elevado à categoria de ministério, o professor se transforma em apóstolo, e a pedagogia em pastoral. Como, então, não sentir como uma exigência fundamental, a necessidade de um recurso a Deus, que se deixa alcançar em presença de amor sempre atual?

São João Batista de La Salle, ao longo de sua vida, não cessou de recomendar a seus Irmãos o exercício da presença de Deus:

> "Não há nada que se deva e se possa buscar com mais cuidado, pois é a bem-aventurança antecipada já nesta vida, e ela vos é de grande utilidade em vosso emprego; pois, já que tendes em vista a Deus e procurais conquistar-lhe almas, é sumamente importante que não percais Deus de vista. Sede nisto fiéis, na medida do possível" .

La Salle retomou muitas vezes esta exortação em suas correspondências com os Irmãos :

> "A presença de Deus lhe será de grande utilidade para lhe ajudar e para o animar a fazer bem suas ações" *(Carta 102.7).* – Concentre-se muitas vezes em si mesmo para renovar e fortificar em si a lembrança da santa presença de Deus. Quanto mais você se esforçar para conseguir isto, tanta mais facilidade terá para fazer bem suas ações, e cumprir bem os seus deveres" *(Carta 1.5).*

Além disto, com palavras muito simples e fáceis de compreender, La Salle manteve esta linguagem também para os alunos, incitando também a eles para viver o mais possível sob o olhar bondoso e paterno de Deus, para fazerem todas as suas ações unicamente por Ele e com a ajuda de sua graça.

Irmão Jacques Goussin, fsc